

CADERNO MEL 47
Enrique García Ahumada, fsc

LA SALLE E A TEOLOGIA DA EDUCAÇÃO

INOVAÇÃO ILUMINADORA POUCO ATENDIDA

Muitas instituições cristãs denominam seus princípios educativos de filosofia da educação mesmo que se valham de fontes de fé e não somente de razão. A locução teologia da educação mais apropriada soa aos ouvidos como neologismo e exige uma explicação.

Todos os grandes pensadores e realizadores da educação cristã tiveram intuições e as expressaram em declarações neste campo do saber.¹ Antes de São João Batista de La Salle ninguém expôs tão amplamente em forma reflexiva e eficiente como a fé cristã permite relacionar a ação educativa com a salvação e a santidade. A teologia da educação foi sua inovação intelectual fundamental. Não empregou a denominação, mas a cultivou com maestria original e fecunda. O emprego como base da espiritualidade e do apostolado próprio dos Irmãos das Escolas Cristãs que fundou, dos professores leigos cuja profissão criou, ao dar-lhes uma prolongada formação especializada, e criar categorias de professor: monitor, professor regente de uma aula; inspetor de escolas de bairro; diretor e visitador regional - e dos pais de família com quem inferia, e foi cooperador prendado e chamado por Deus.

Em seus escritos fez somente considerações gerais acerca da teologia, porque não pretendia formar teólogos. Em sua meditação sobre Santo Tomás de Aquino (*Nº 108, 1*) ele o considera o teólogo mais eminente, e lembra o apelativo de Doutor Angélico que lhe foi dado, por ele ter adquirido a ciência tanto ao pé do crucifixo como nos livros, pois, acudia à oração e ao jejum em suas dificuldades ao estudar ou escrever, sempre em busca da glória de Deus e do bem da Igreja. La Salle, por sua vez, recomenda aos educadores imitar este santo, recorrendo à leitura, oração e ascese (*Med, 108, 2*).- Em Santo Agostinho, La Salle admira a profundidade do saber, comparável ao ardor apostólico, com os quais este santo foi útil aos papas, concílios e dioceses. Proporcionou pastores de elevada formação; atraiu para si ataques que, porém, resultaram infrutíferos ao se chocarem com a *piedade* e a *humildade* desse santo. La Salle, em sua meditação 161,3, propõe aos educadores unir o estudo a estas duas virtudes. - Do exemplo de São Bruno, mestre de teologia em Paris e em Reims, onde La Salle foi cônego, conclui que a piedade unida à ciência serve não somente à pessoa, mas à Igreja toda, e que os educadores cristãos devem formar na doutrina e na piedade (*Med. 174, 1*).

Para muitos pode ser útil descrever aqui, de maneira simples, a teologia da educação. Teologia é o estudo de Deus. Seu manancial principal é a revelação ou a Palavra de Deus que enriquece a razão. Segundo o Concílio Vaticano II na Constituição *Dei Verbum*, a revelação divina ou palavra de Deus está na Sagrada Escritura e na Tradição (*DV 10*). Um teólogo é um estudioso de Deus. Antes que doutor ou docente de Deus é um discípulo de Deus. Seu mestre é a Palavra de Deus em pessoa ou o Verbo de Deus feito homem: Jesus Cristo (*Jo 1,1 – 5. 9 -14*).

¹ GARCÍA AHUMADA, fsc, E. *Los cristianos en la historia de la educación*. Santiago de Chile, 2007, 4 v. Prólogo do Irmão Álvaro Rodríguez Echeverría, Superior Geral.

Ocupa-se em conhecer as coisas partindo do ponto de vista que a revelação de Deus proporciona, acolhida na fé. Investiga as coisas de Deus para explicar a fé aos discípulos de Jesus Cristo da maneira mais clara e fundamentada possível, isto é, à Igreja. É um ministro da palavra de Deus que serve à missão da Igreja, de evangelizar e cooperar para o Reino de Deus, ou a salvação da humanidade.

A teologia da educação é o estudo sistemático e crítico da educação a partir do ponto de vista da fé. Suas afirmações serão tanto mais aceitáveis para os que têm fé, quanto melhor fundadas estiverem na Bíblia bem entendida, e na tradição contida na Liturgia, no consenso dos grandes teólogos antigos e santos, que denominamos Padres da Igreja, nos testemunhos dos santos, inclusive dos atuais, e no magistério oficial das autoridades legítimas da Igreja. - La Salle foi muito cuidadoso nisto, como veremos.

As afirmações dos teólogos, por serem científicas e não dogmáticas, são sempre provisórias e perfectíveis. Em São João Batista de La Salle há algumas válidas somente para sua época e outras de vigência permanente. Em face dos novos problemas da educação dos cristãos reflexivos, por exemplo, os organismos educativos eclesiais e congregacionais elaboram temas de teologia da educação para atualizar a missão educativa e a espiritualidade dos educadores. Apresento algumas nesta exposição.

O magistério eclesial universal sobre educação é tão recente como *Divini illius Magistri* de Pio XI em 1929. A primeira proposta de uma teologia da educação como ciência autônoma é o artigo do brasileiro Leôncio da Silva, S.D.B., *Linhas fundamentais para uma teologia da educação*, em “Revista Eclesiástica Brasileira” (1950 – pág. 352-369). O primeiro estudo do tema é a tese do Irmão Saturnino Gallego, FSC: *La teologia de la educación en San Juan Bautista de La Salle*, Madrid, San Pio X, 1960. Giuseppe Groppo, SDB, fundamenta sistematicamente este campo de pesquisa, em *Teologia dell’educazione: origine, identità, compiti* (Roma, Librería Ateneo Salesiano, 1991). Escreveu uma obra atual de grande acolhida o estadunidense Thomas H. Groom: *Educating for Life. A spiritual Vision for every Teacher and Parent*, (Allen, Tx..Thomas More, 1998). Estes fatos ilustram o caráter pioneiro de São João Batista de La Salle em Teologia da Educação.

Já podemos adentrar seu pensamento com base em uma atenta revisão de suas *Obras Completas*.²

SUA CONTEMPLAÇÃO COMPASSIVA DO ENTORNO DOS POBRES

No início das *Regras Comuns* das quais, por solicitação dos Irmãos, fez uma redação conclusiva em fins de 1718, ano anterior ao seu falecimento, São João Batista de La Salle manifestou sua visão de fé acerca do entorno das escolas cristãs: “*Este Instituto é de grandíssima necessidade, porquanto, sendo os artesãos e os pobres ordinariamente pouco instruídos, e estando ocupados todo o dia em ganhar o sustento próprio e dos filhos, não lhes podem dar, por si mesmos, as instruções de que necessitam e educação adequada e cristã*” (RC. 1, 4). Reitera esta visão ao iniciar as *Meditações para o Tempo de Retiro*. (Med. 193, 2).

² Emprego a numeração de parágrafos e subparágrafos da versão castelhana de San Juan Bautista de La Salle, *Obras completas*, Madrid, San Pio X, 2001.

Em suas meditações, publicadas desde 1730, amplia essa contemplação compassiva ao conjunto da sociedade: “As pessoas que vivem no mundo pensam raramente em Deus e pouco se importam com aquilo que se refere à própria salvação. Toda a sua preocupação geralmente está centrada nos negócios temporais e nas necessidades do corpo. Parece que a maioria dos homens nada tem a esperar nem a temer após a vida presente. Alguém lhes fala de Deus, do que leva a Ele, dos deveres essenciais do cristão, da prática do bem, da fuga das ocasiões de pecado e das más companhias? Eles, para tudo isto, têm ouvidos e não ouvem (Sl 115, 6), pois entendem só aquilo que lhes impressiona os sentidos.(Med. 58,3) “As pessoas do mundo se escusam de comparecer a Jesus Cristo (*Lc 14, 18-20*): Uns se escusam com seus negócios; outros com os prazeres que desejam desfrutar... preferem suas próprias satisfações aos exercícios de piedade e religião”, com que Jesus Cristo “os faz *partícipes da própria divindade*”. “E como o mundo está cego pelo pecado, ele possui máximas inteiramente opostas às que o Espírito Santo ensina às almas santas, e se orienta por essas máximas. Elas são, outrossim, a fonte de seus pecados e da corrupção do seu coração... A maioria dos homens não entendem nada delas, porque, diz o Evangelho, “amam mais as trevas que a luz, e não conhecem o Espírito de Deus” (*Jo 3, 19*) (Med. 44, 3).

Atribui as desordens sociais especialmente à carência de educação cristã: “Todos os desregramentos, sobretudo entre os artesãos e os pobres, provêm, ordinariamente do fato de terem sido abandonados a si mesmos e muito mal educados em seus primeiros anos, o que é quase impossível remediar em idade mais avançada, porque os maus hábitos contraídos por eles só se desarraigam muito dificilmente, e quase nunca de todo, por mais cuidado que se tome em destruí-los, seja com frequentes instruções, seja com o recurso aos sacramentos. E como o principal fruto a esperar da criação das Escolas Cristãs é prevenir tais desordens e impedir suas perniciosas consequências fácil é aquilatar qual seja sua importância e necessidade” (*RC 1,6*). Na segunda de suas Meditações para o Tempo de Retiro reitera sua declaração das desastrosas consequências do abandono educativo dos menores (Med. 194, 1).

O fundador faz um elogio aos educadores cristãos e os exorta a agradecer por sua vocação no meio dessa sociedade afastada de Deus: “Tendes a felicidade de ocupar-vos com a instrução dos pobres e de estar dedicados a um trabalho só estimado e honrado pelos que têm o espírito cristão. Agradecei a Deus por vos ter vinculado a estado tão santificante e promotor da santificação dos outros e que, no entanto, nada tem de brilho diante dos homens; pelo contrário, dá muitas vezes ocasião de serem desprezados aqueles que nele vivem” (*Med.113, 1*). Com frequência os incita: “Agradecei a Deus a bondade que tem em querer servir-se de vós para assegurar tão grandes benefícios aos meninos” (*Med. 194, 1*), e alerta a esses educadores em face da oposição dos mundanos: “Se não tendes que lutar contra hereges... deveis ficar convencidos de que, se fordes verdadeiramente piedosos e fugirdes do mundo, os libertinos e os mundanos vos contradirão” (*Med. 120, 2*).

Em sua contemplação teológica manifesta sua experiência da sociedade e, especialmente, acerca da maioria de pobres nela, como um rebanho de ovelhas sem pastor expostas ao perigo de grandes danos devido à sua falta de educação na fé, onde os educadores cristãos têm a vocação divina de colaborar com Jesus Cristo na salvação e santificação, malgrado a oposição dos mundanos.

Esta reflexão mantém sua vigência. A par disso incita a atualizar e repetir a contemplação crítica ao entorno, com o critério da missão evangelizadora como referência. O Concílio

Ecumênico Vaticano II na Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* sobre a Igreja no mundo atual adotou o mesmo ponto de vista, e descreveu criticamente os aspectos sociais, culturais, econômicos e políticos, também em sua faceta internacional, que se devem considerar na ação apostólica em fidelidade ao plano de Deus. As conferências gerais dos episcopados em cada continente, as conferências episcopais em cada país, bem como os sínodos em cada diocese ou circunscrição eclesiástica, e os capítulos gerais e distritais, são periodicamente convocados a essa tarefa, como fizeram os Irmãos ao redigir as *Regras Comuns* em 1718 para discernir a vontade de Deus em seu tempo e local.

2. A CONCEITUAÇÃO CRISTÃ DE LA SALLE SOBRE O SUJEITO DA EDUCAÇÃO

Na *Explicação do Método de Oração (EMO)* elaborado antes de 1693 para os Noviços, completada até 1718, mas publicada só em 1739, considera cada pessoa portadora de Deus, que fixa sua morada em todos os que amam deveras a Jesus, como ele asseverou na última ceia. Porque Deus está em toda pessoa para fazê-la subsistir, segundo estas palavras de São Paulo nos Atos dos Apóstolos: “*Deus não está longe de nós, porque nele vivemos, nos movemos e somos*” (At 17, 27-28, em EMO 4, 130). A presença e ação de Deus em cada pessoa é o suporte natural de seu ser no mundo.

A par disto, nas *Meditações* manifesta que os batizados “estão consagrados à Santíssima Trindade. “*Em suas almas trazem o selo de Deus*” (Cf. Ef 4, 30), e a este adorável mistério são devedores da *unção da graça, derramada em seus corações* (1 Jo 2, 20-27) (Med. 46, 3). Assim, a presença de Deus por graça, nos batizados, naturalmente enriquece sua presença.

Em seu catecismo para adultos denominado *Deveres do Cristão (DCI)*, sobre dogma e moral, em texto seguido apresenta a condição humana racional, livre e pecadora, mas solidária com base na narrativa do Gênesis. A bondade de Deus por toda pessoa se mostra em entregar seu Filho único como salvador do pecado e em enviar seu Espírito Santo para cumulá-la de graças, além de dar-lhe um anjo da guarda para que a guarde de sua parte, a guie e ilumine em todos os seus caminhos; tudo o que merece gratidão. (Med. 172, 1).

Todo crente pode considerar-se pecador ao aplicar-se o Salmo 51 ou o salmo 38. Pode obrar o bem por contar com a presença de Deus dentro de si. Pode pedir a Deus que aumente sua fé, e agradecer ao Filho eterno de Deus haver-se feito homem para lhe merecer a graça de também chegar a ser filho de Deus que é a fonte de sua esperança, mesmo por mais culpado que seja. Ainda que Jesus Cristo tenha morrido por todos os homens, o fruto de sua morte não é, contudo, eficaz em todos, já que nem todos se preocupam em se aplicar esse fruto. Para que isto aconteça, de nossa parte é preciso correspondência da vontade... Corresponde a nós acabar e consumir a obra da nossa redenção, uma vez que as graças que Ele nos mereceu, somente chegam a ser eficazes para nossa salvação na medida em que nossa vontade se decidir a corresponder a elas (Med. 195, 1).

A condição pecadora não é definitiva, já que o Verbo Encarnado trouxe a salvação. O ser humano não “deve descuidar-se em adotar os meios necessários para assegurar a salvação, visto que não podemos saber *nem o dia nem a hora* em que havemos de morrer”. É preciso temer o juízo final, porque “*toda árvore que não der bom fruto, será cortada e lançada no fogo* (Lc 3,

9), e é necessário preparar-se mediante a penitência e a oração, voltando-se a Deus para que os pecados sejam perdoados, ter a graça de preservar-se deles de antemão, e tirar proveito da morte e ressurreição do Redentor. Esta graça compromete cumprir as máximas do Evangelho; em resumo, seguir a Jesus Cristo que disse: *“Se alguém quiser vir após mim, renuncie a si mesmo, isto é, renuncie a seu próprio juízo e à sua própria vontade, carregue sua cruz todos os dias e me siga”*. (Lc 9, 23). Em outras palavras, trata-se de ser como São José, pronto para cumprir a vontade de Deus, sem esquecer que *“aqueles que se alistam no serviço de Deus devem preparar-se para a tentação”* (Eclo 22, 1). *“Estamos tão submetidos à tentação, que Jó disse que nossa vida é tentação contínua (Jó 7). E por isto, São Pedro nos adverte que “o demônio, nosso inimigo, gira em torno de nós, como um leão que ruge, procurando sem descanso algum jeito de nos devorar” (1 Pd 5, 8).*

A vida esperançosa daquele que tem fé não suprime a luta contra o pecado, grande preocupação de La Salle. Revigora o ensinamento transmitido por São Paulo: *“Deus não permitirá que sejais tentados e afligidos acima de vossas forças”* (1 Cor 10, 13). Mais ainda, *“a ressurreição de Jesus Cristo é gloriosa para Ele e útil para nós, por haver destruído o pecado”*, mesmo que isto não seja automático em cada um, pois exige cooperação pessoal, procurando que o pecado *“não reine mais em nosso corpo mortal”*, o qual é preciso *pregar com todas as inclinações desordenadas na cruz de Jesus Cristo (Gl 5, 24)*.

Neste confronto com as inclinações mundanas *“o mundo se alegrará, e ... os servidores de Deus permanecerão por algum tempo na tristeza, mas, ...sua tristeza se converterá em gozo”*(Jô 16, 20) e esta *“alegria dos servidores de Deus será tal, que ninguém lhes poderá arrebatá-la”*(Jo 16, 22), diferentemente daquela que só dura *“enquanto se estiver no mundo”*, porque *“não terá fim”*, uma vez que não consiste *“em gozar dos prazeres dos sentidos”*, o que *“é superficial”*, mas que é *“sólida... em meio dos sofrimentos e das penas mais amargas”*.

Deus recompensa a justificação com um dom gratuito chamado graça habitual ou justificante, que faz passar do estado de pecado, seja original ou pessoal, ao estado de graça que nos torna agradáveis a Deus e dignos do céu. Deus também regala luzes e impulsos denominados graças atuais para poder fugir do mal e praticar qualquer bem. Jesus Cristo instituiu os sete sacramentos que são sinais da graça para santificar-nos naqueles em que Ele mesmo é a primeira causa que atua.

Sua reflexão sobre a condição do sujeito humano da educação e da salvação se concretiza ainda mais com observações acerca da situação dos meninos ao respeito.

As crianças, pelo fato de terem um espírito ainda de menor conhecimento do que o comum das pessoas mais crescidas, *“porque seu entendimento é menos desprendido dos sentidos e da matéria, necessitam de uma explicação das verdades cristãs ocultas à mente humana, da maneira mais simples e mais adequada à falta de conhecimentos. Caso isto não se realizar, hão de permanecer toda a vida inexperientes e insensíveis a respeito das coisas de Deus, e incapazes de aceitá-las e gostar delas”* (Cf. 1 Cor 2, 14). *“Se a fraqueza dos homens é grande em razão da inclinação ao pecado, a das crianças é muito maior por causa do seu uso limitado da razão, e porque, sendo a natureza, em consequência, mais desperta nelas, está extremamente inclinada ao gozo dos sentidos e a deixar-se, por isso, levar ao pecado”* (Med.56, 2,1). Nas crianças, *“só com o tempo, o espírito se vai desprendendo da matéria”* e, habitualmente, os escolares *“ainda não estão em condições de intuir facilmente por si mesmos as verdades e as máximas cristãs (Cf. 1 Cor, 14, e Med. 197,1).* *“Está o homem, por natureza, tão inclinado ao pecado que parece não se*

sentir a gosto se não o cometer. E isto se nota mais particularmente nas crianças, visto que ainda não têm a mente desenvolvida, e, por não terem capacidade para reflexões sérias e profundas, parece que não têm outra inclinação que agradar suas paixões e sentidos, e satisfazer a natureza” (*Med. 203, 2*).

A criança que se tiver habituado ao pecado, de certo modo perdeu sua liberdade, e se terá convertido em cativo e infeliz, como diz o próprio Jesus Cristo: “*Quem comete pecado é escravo do pecado*” (Jo 8, 34). Os meninos que comparecem à escola cristã, “*ou não receberam educação, ou só a receberam mal; e, se acaso receberam algum bom ensinamento, as más companhias ou os maus hábitos os impediram de tirar proveito dele*” (*Med. 37,2 e 41, 3*). “*Deveis considerar os meninos que tendes missão de instruir, como órfãos pobres e abandonados. Com efeito, ainda que a maioria deles tenha pai na terra, vivem como se não o tivessem. No tocante à salvação da alma, encontram-se entregues a si mesmos. Por isso é que Deus os coloca, de alguma forma, sob vossa tutela. Ele tem compaixão deles e os cuida como seu protetor, seu arrimo e seu pai. E esse cuidado é a vós que Ele o confiou*” (*Med. 37, 3*).

“*Quão feliz é quem tem a sorte de ter sido educado desde a juventude na piedade! Tem-se então a facilidade de conservá-la durante toda a vida.*” (*Med. 122, 1*). “*Os hábitos das virtudes, cultivados desde a juventude, encontram menos obstáculos na natureza corrompida e deitam raízes mais profundas nos corações daqueles nos quais foram formados*” (*Med. 194, 3*). “*As inclinações dos jovens³ são fáceis de moldar, e eles, por sua vez, aceitam, sem maior dificuldade, os sentimentos que se lhes inspira*”.⁴

Em sua antropologia teológica considera os seres humanos como racionais, livres e solidários no pecado desde o primeiro homem, e no chamado à santidade e vida eterna por obra de Deus. Toda pessoa é portadora da presença de Deus por natureza como criatura e por graça desde o batismo, devido a que Deus, por amor enviou seu Filho para salvar os seres humanos do pecado, e dá seu Espírito Santo para santificá-los com a presença trinitária em cada pessoa em estado de graça. Dentre outros dons, cada pessoa recebe um anjo da guarda (tema muito ao alcance da piedade cotidiana das crianças). A vida humana é luta contra as tentações de pecar contra Deus e seus mandamentos, onde está em jogo o juízo final de Deus ao morrer.

Ao seguir a Jesus Cristo em sua fidelidade à vontade de Deus e em seu Evangelho a pessoa colabora na salvação e santificação que só Deus outorga, especialmente por meio dos sacramentos que são sinais de sua ação. O ser humano é redimido pelo Filho de Deus feito homem, submetido a maus exemplos de libertinos e mundanos, a ocasiões de pecar e a armadilhas dos demônios, mas ajudado por enviados por Deus para sua salvação e santificação, que são seres humanos do céu e da terra e também anjos.

As crianças, sujeitos habituais da educação, pelo pouco desenvolvimento de sua inteligência reflexiva e de sua vontade para dominar suas paixões, são muito atraídas pelos prazeres dos sentidos, pelo que caem facilmente em pecados, e ao habituar-se se escravizam do pecado. Os bons exemplos são importantes para atraí-las ao bem. Da mesma forma as instruções a seu alcance. Necessitam de ajuda para mudar os maus hábitos, afastar-se das más companhias e das ocasiões de pecar. Se seus pais não as encaminharem, necessitam de outras pessoas que

³ Jovens (em francês *jeunes*) não significa apenas jovem, mas de acordo com o texto, se aplica a qualquer menor de idade.

⁴ Estas reflexões pedagógicas são anteriores a Jean Jacques Rousseau (1713-1788), que, por ignorá-las, é considerado amiúde, o descobridor da criança diferente de um adulto em miniatura.

lhes inspirem bons sentimentos, as eduquem na virtude e na piedade, e, se cedo adquirirem bons hábitos, lhes será mais fácil perseverar no bem.

É notório que, em plena controvérsia com os protestantes, La Salle não tenha incorrido, como muitos catequistas, em atribuir às boas obras, manifestações da fé, (*St 2, 14-25*) o mérito para a justificação e salvação, como se o céu se merecesse e conquistasse com o esforço humano e não por um dom gratuito de Deus com quem só se coopera por fidelidade à sua graça...⁵

Considerando que a educação cristã é obrigação da ação concreta eclesial, hoje é preciso manter a consciência, não só dos aspectos permanentes da antropologia teológica, mas também das contribuições de ciências humanas, como sejam a psicologia, a sociologia, a antropologia cultural e a teoria das comunicações, para atender de forma realista os educandos, assim como eles são. A teologia da educação, como integrante da teologia pastoral, também requer estar atenta à contribuição dessas ciências, conquanto elas auxiliam a compreender melhor os educandos de hoje. A própria antropologia teológica, na época contemporânea, desenvolveu aspectos do ser humano tais como seu chamado de Deus para ser transformadora do mundo, construtora de história e ser eucarística.

3. A FÉ DE LA SALLE NO POSTO DE DEUS NA EDUCAÇÃO

Para La Salle, a educação procura estabelecer o Reino de Deus no educador e nas almas daqueles que instrui: “Neste mundo não deveis buscar outra coisa do que estabelecer o Reino de Deus em vossa alma, quer para esta vida, quer para a outra” (*Med. 67,1*). Deus é a meta. Aos educandos, Deus “lança um olhar compassivo”, “*e cuida deles, como quem é seu protetor, seu apoio e seu pai*” (cf. *Sl 68*), mas “entrega nas mãos dos educadores o cuidado deles” (*Cf. Med. 37, 3*). Deus criador é o impulsor do aperfeiçoamento humano que é a educação, e os educadores são instrumentos. Deus é o primeiro princípio da educação.

Posto que nossa alma foi criada por Deus unicamente para gozar dEle: por isso “*toda felicidade que neste mundo existe, consiste em se afeiçoar somente a Ele* (*Sl 73, 28*). E a quem nos afeiçoaríamos, se não a Ele, de quem tudo recebemos, o único que é nosso Senhor e nosso Pai, e que, como diz São Paulo “*deu o ser a todas as coisas e nos fez somente para Si?* Esta consideração e o agradecimento que lhe devemos por todas as suas bondades para conosco deveriam ocupar amiúde nossa mente e enternecer nosso coração... para impelir-nos a entregar tudo a Deus e a dizer com Santo Agostinho: “Meu Deus, vós nos fizestes somente para vós, e nossos corações estarão inquietos até que repousem em Vós” (*Med. 90,2*).

A gratidão a Deus é um tema recorrente no pensamento educativo de La Salle. Sua meditação sobre a Anunciação a Maria, entrada nos mistérios da Encarnação e da Redenção que nos trarão “graças abundantes para nos salvarmos e para chegarmos a ser santos perfeitos”, conclui exortando a dar a Jesus Cristo “mostras de gratidão mediante o uso santo que delas façamos”. Com sua graça, Deus ajuda a evitar pecados e faltas, como demonstrou ao preservar delas a Maria, pelo que é preciso agradecer-lhe com ele pelas *maravilhas que obrou nela*, e pedir-lhe que ele nos afaste de tudo quanto nos possa levar a incorrer nas mínimas faltas, particularmente por intercessão da própria Virgem Imaculada.

⁵ Ver *Declaración Conjunta sobre la doctrina de la justificación*, e Anexo à *Declaración Conjunta sobre la doctrina de la justificación*, “l’Osservatore Romano” en lengua española, 19 de novembro de 1999.

O insistente discurso de La Salle sobre o agradecimento a Deus que por amor tudo nos deu e merece que nos demos totalmente a Ele, permite entender os “Deveres do Cristão”- título de seu Catecismo - como nobre expressão de gratidão e não como uma imposição caprichosa. Em francês “*je vous suis obligé*” significa “*sou agradecido a você*”, como em português “*obrigado!*”, em espanhol por “*agradecido!*”. Em espanhol existe o dito “nobleza obliga”, de modo que quem cumpre uma obrigação de gratidão sabe que o faz voluntária e livremente, e não por imposição de outrem.

Para São João Batista de La Salle, baseado na Bíblia, a educação cristã leva a cumprir livremente com Deus por gratidão e não forçadamente, não por desgosto, sabendo que nunca podemos retribuir dignamente por tudo que recebemos de sua bondade. Obrar livremente por Deus por gratidão cabe tanto ao educador como ao educando. La Salle nunca falou de educação libertadora, noção cunhada paralelamente e sem influência mútua, no século XX pelo tanzaniano Julius Nyerere, o católico brasileiro Paulo Freire e pelo cubano Irmão Alfredo Morales, FSC,⁶ mas formou os educadores para realizá-la e incrementá-la.

As *Meditações para o Tempo de Retiro* de La Salle iniciam pela citação da bondade de Deus: “Deus é tão bom que, uma vez criados por Ele os homens, *quer que todos cheguem ao conhecimento da verdade* (1 Tm 2,4). Esta verdade é o próprio Deus e quanto Ele houve por bem revelar-nos, seja por Jesus Cristo, pelos santos Apóstolos ou sua Igreja. Por isto Deus quer que todos os homens sejam instruídos, pelos homens para que suas mentes sejam iluminadas com as luzes da fé. E como ninguém pode ser instruído nos mistérios de nossa santa religião caso não tiver a sorte de ouvi-los por parte de alguém... *Ele mesmo, Deus, iluminou os corações daqueles que destinou para anunciar sua palavra às crianças, para que elas possam ser iluminadas pela descoberta da glória Deus* (2 Cor 4,6). Após descrever a desgraça social consequente da carência de educação das crianças, considera digno agradecer pela vocação de ser educador por este motivo humano e acrescenta o motivo sobrenatural de também poder *anunciar gratuitamente o Evangelho*. Deus confere a vocação aos educadores.

“Deus somente nos confere suas santas inspirações para nos dispor a levá-las à prática, com o objetivo de cumprir exatamente sua santa vontade”. Deus está também na verdade que se anuncia e ensina, e como luz que ilumina por graça o coração do educador e de cada educando, isto é, como agente supremo de educação e salvação.

Os educadores cristãos cooperam com Jesus Cristo na salvação através daquele que é o principal agente da educação e da salvação: o Espírito Santo. É ele quem move os corações para amar e praticar o que os educadores cristãos ensinam. “*Nem aquele que planta, nem aquele que rega são importantes. É somente Deus quem faz crescer*” (1 Cor 3, 7). Se alguns não aproveitarem do ensinamento cristão é necessário implorar a graça de Deus e pedir sua conversão. La Salle exorta a abandonar-nos à direção de Jesus Cristo para que reine sobre nossos movimentos interiores, até poder dizer como São Paulo: “*Já não sou eu que vivo, mas é Jesus Cristo que vive em mim*” (Gal 2, 20).

A finalidade da educação cristã é conseguir que os alunos vivam como cristãos, isto é, unidos a Deus. Esta finalidade é “a salvação das almas... porque *Deus amou tanto o mundo que deu seu Filho único, para que aquele que crer nele não pereça, mas tenha a vida eterna*, que

⁶ NYERERE, J., *Education for Self Reliance*. Dar-Es-Salaam, Oxford University Press, 1967.- FREIRE, P., *La pedagogía del oprimido*, Montevideo, Terra Nueva, 1969. – MORALES, FSC, *Hombre Nuevo, nueva educación. Educación en libertad y para la libertad..* Santo Domingo, La Salle, 1972.

tenham neste mundo a vida da graça, e no outro, a vida eterna”. Isto é um dom de Deus do qual o educador não se deve gloriar. Como ministros embaixadores de Jesus Cristo, os educadores devem ter como objetivo “o amor e a glória de Deus”.

A educação é uma obra teocêntrica . Deus é princípio, agente principal, finalidade e tema querigmático da educação, enquanto ação perfectiva dos seres humanos rumo à santidade. Na espiritualidade do educador, o Reino de Deus em sua própria pessoa, nos educando e no mundo é sua inspiração e sua motivação. A multiforme presença de Deus na educação gera agradecimento e louvor, vale dizer, um sentido eucarístico em face de sua realidade vista a partir da fé. A glória de assunto constantemente mencionado por La Salle é definida por Santo Tomás de Aquino ⁷ como manifestação de sua bondade, noção que enriquece estas motivações.

4. A VISÃO CRISTÃ DA SOCIEDADE DE LA SALLE

São João Batista de La Salle contempla a sociedade humana como criação de Deus que fez os seres humanos livres e chamados à salvação na vida eterna e à santidade, mas também capazes de pecar, como lamentavelmente se observa na vida diária. Educa para viver ativamente na sociedade de acordo com a vontade de Deus.

Explica os deveres recíprocos entre as autoridades e seus subordinados ao versar o quarto mandamento de Deus. Enumera como autoridades “os pais, as mães, os tutores, os padrinhos, as madrinhas, os amos e amas, os maridos a respeito a suas esposas, os senhores, os magistrados, os prelados e os pastores da Igreja (DC I, 206, 0, 2). Inicia com um resumo dos deveres de cada autoridade antes de explicá-los, e prossegue com os deveres de seus respectivos subordinados, que também explica depois. É um olhar “partindo de baixo”. É o oposto do Catecismo para sua diocese de Meaux, escrito por Jacques Bénigne Bossuet (1627–1704), que foi preceptor do delfim da França, reeditado com elevada difusão até 1834, que omite totalmente os deveres dos superiores. No seu Primeiro Catecismo lê-se textualmente:

“Explique o quarto mandamento, honrar pai e mãe”.

“Determina que os filhos honrem seu pai e sua mãe, obedecendo-lhes e ajudando-os em suas necessidades corporais e espirituais”.

“Que mais nos prescreve este mandamento?”

“Respeitar todos os superiores, pastores, reis, magistrados... e demais autoridades”.

“E o que nos proíbe este mandamento?”

“Proíbe-nos desobedecer-lhes, fazê-los sofrer, falar mal deles” ⁸ . O Segundo Catecismo, para os mais adiantados no conhecimento dos mistérios, nada acrescenta sobre isto, serviu de base ao *Catecismo Imperial* imposto por Napoleão, foi traduzido na Espanha por ordem de José Bonaparte, mas em 1822, recebeu do chileno Manuel de Salas uma formulação aceitável na República. Contrasta essa catequese autoritária com a catequese popular lassalista sobre os deveres tanto das autoridades como dos subordinados:

⁷ Santo Tomás de Aquino, *Suma Teológica*, I parte, artigo 2

⁸ *Oeuvres complètes de Bossuet, publiées d’après les imprimés et les manuscrits originaux purgées des interpolations et rendues à leur intégrité par F. Lachat*. Paris, Librairie de Louis Vives, Éditeur, 1867, Volume V, p. 11.

“Os pais e as mães devem a seus filhos quatro coisas: alimento, instrução, correção e bom exemplo”.

“Para com os pais, os filhos têm cinco deveres: Devem amá-los, respeitá-los, obedecer-lhes, assisti-los ao longo de toda sua vida, rezar e mandar rezar por eles depois da morte”. “Devem obedecer-lhes e realizar com prontidão e alegria tudo o que lhes mandarem, contanto que não sejam coisas contrárias à lei de Deus, pois é preciso obedecer a Deus antes que aos pais, e obedecer-lhes em tais casos seria ofender a Deus”.

“Os maridos devem a suas mulheres amor, respeito, fidelidade e sustento de acordo com sua condição. As mulheres devem a seus maridos respeito, amor, obediência e fidelidade no matrimônio, e têm obrigação de conservar os bens da casa”.

“Os tutores devem procurar a educação daqueles de quem estão encarregados, corrigi-los e rentabilizar seus bens e prestar contas deles com fidelidade”.

“Os padrinhos e madrinhas, na falta de pais e mães, devem fazer instruir em tudo que se relaciona com a salvação daqueles que tiveram nos braços na pia batismal, repreendê-los de seus defeitos, dar-lhes bons exemplos e bons conselhos”.

“Os tutelados devem amar, honrar, obedecer e ouvir de boa vontade a seus tutores, padrinhos e madrinhas, e seguir seus bons conselhos”.

“Os patrões e as patroas devem alimentar seus criados, instruí-los, corrigi-los e castigar suas faltas, e pecam gravemente se não o fizerem. Devem ter cuidado de não manter a seu serviço, e sobretudo em sua casa, a serventes viciosos e dissolutos. Têm obrigação de adverti-los caridosamente de suas obrigações e, se não mudarem de conduta despedi-los. É preciso que os ocupem durante todo o dia, e que o façam com discrição, moderadamente e segundo suas forças. Por fim, não podem dispensar-se de pagar-lhes o salário; se o retiverem cometem um pecado grave que pede vingança ante Deus”.

“Os empregados e empregadas devem respeitar seus empregadores, amá-los, obedecer-lhes, servi-los com afeto e conservar fielmente os bens deles”.

“Os magistrados têm a obrigação de instaurar e manter a boa ordem e a paz, administrar justiça, impedir que aconteçam e castigar os escândalos e procurar que se observem as leis de Deus, da Igreja e do rei”.

“Com os magistrados e com as pessoas que têm autoridade civil se tem os mesmos deveres como as tutores e outros que cuidam dos bens temporais e de educação”.

Aqui foi incluído o dever da cidadania como parte natural e da educação geral:

“Os deveres dos cristãos para com seu bispo, dos paroquianos com seu pároco e os inferiores com seus diretores espirituais são amá-los, respeitá-los e obedecer-lhes como ao próprio Jesus Cristo, a quem representam, e pagar-lhes fielmente os dízimos e os demais direitos que lhes são devidos”.

Na exposição do quinto mandamento de Deus, interpreta também a doutrina comum acerca do dano físico e moral ao outro, e a obrigação de repará-lo; sobre o perdão a quem nos causa danos, e a oração por essa pessoa. Declara:

“Pecam contra este quinto mandamento de Deus aqueles que mantêm ódio a alguém, quem quer que seja; aqueles que desejam ou procuram algum mal, ou inclusive a morte, a si mesmo ou a outros; os que aplicam socos, desafiam para duelo ou matam; os que desprezam a outros por palavras, zombaria, escárnio, injúrias; aqueles que tentam ou aconselham o aborto; os que asfixiam crianças deitadas com eles; aqueles que sem necessidade expõem a perigo de morte o próximo, por não lhe dar esmola quando se encontram em dificuldade; aqueles que não querem perdoar a seus inimigos, nem vê-los, nem saudá-los, nem visitá-los como faziam antes

de sua inimizade; aqueles que põem em perigo de ofender a Deus ou contribuem ao pecado do próximo, de qualquer maneira como se pode participar no pecado” (DCI 207, 0, 7).

Quando versa sobre o 6º mandamento de Deus ensina que “por este mandamento se proíbe dizer ou fazer qualquer coisa contrária à honestidade, ou seja, contra a pureza. – Estranhamente, qualifica como “pecado mortal”, fazendo presumir que essas ações são sempre totalmente deliberadas, já que, mais adiante faz distinção entre pecado mortal e pecado venial. Acrescenta: “São também pecados importantes, contrários a este mandamento: - incitar alguém à impureza, com palavras, escritos ou presentes; ou cometer o pecado carnal com uma jovem ou com uma mulher casada. - no caso de este pecado ser cometido com uma parente, irmã, filha,... é incesto; - se for com uma pessoa consagrada a Deus, é “sacrilégio”. – “As principais ocasiões que nos levam a este miserável pecado são as más companhias, o viver com intimidade desenvolta ou insolente com pessoas de outro sexo, o luxo no vestir, as comédias, os bailes, a ociosidade, a acídia, onde obviamente existem aspectos próprios da época e do local”.

Partindo da proposição fundamental: “Em seu sétimo mandamento Deus nos proíbe apropriar-nos ou reter os bens do nosso próximo” urge o dever de restituir”, e acresce outros temas de moral econômica: “Se este mandamento proíbe a todos os homens apoderar-se do bem alheio, também, obriga os ricos e aqueles que possuem bens em abundância a partilhá-los com os pobres, atenuar as necessidades deles, e segundo as possibilidades que têm - Os santos Padres concordam que aqueles que não dão aos pobres o que podem segundo seu estado, e lhes sobra, estão roubando e cometem injustiça com eles”.

La Salle respalda esta doutrina com seu exemplo, repartindo sua fortuna durante a carestia de 1684. Aqui introduz vigorosamente as obrigações:

Dos pastores de almas suas obrigações, postergadas ao versar sobre o quarto mandamento:

“Nem todas estas pessoas têm condições de dar bens materiais aos pobres, mas sim, podem ajudar-lhes espiritualmente, contribuindo em sua salvação, seja com seus bons exemplos, procurando-lhe e dando a elas instrução. A isto estão particularmente obrigados os párocos e todos aqueles que estão encarregados de instruir os outros e trabalhar em sua salvação e santificação”.

Pormenoriza deveres referentes aos bens materiais: Há muitos que pecam contra o sétimo mandamento de Deus:

“Aqueles que se apoderam de/ou da propriedade de outros, seja em segredo, às escondidas, seja usando de violência”.

Pecam também aqueles que retêm pertences de outros e assim os prejudicam.

Também pecam contra este mandamento aqueles que causam prejuízos aos outros, por malícia, negligência, ou mesmo ignorância, mesmo que não tirem proveito deles.

Cometem pecado de usura aqueles que emprestam dinheiro ou mercadorias cobrando juros muito elevados.

Concretiza deveres sociais dos administradores públicos, ou particulares de propriedades alheias.

“Não violam menos este mandamento aqueles que não pagam suas dívidas, o salário a seus funcionários, operários ou empregados e, igualmente, aqueles que defraudam na administração de propriedades de outros, como, por vezes, procedem os tutores ou os capatazes de propriedades rurais.

Por fim, pecam também aqueles que prometem ou recebem dinheiro em comissão por um benefício, ou recebem um benefício com a condição de passá-lo a outrem; devem ser

considerados violadores deste mandamento de Deus, e estão obrigados a restituir tudo que tiverem adquirido.

La Salle resume para a sua época a ética das comunicações.

“Em seu oitavo mandamento, Deus condena qualquer injustiça que se possa cometer contra o próximo por palavras: dizendo ou propagando algo de falso ou prejudicial a ele. Podemos ofender o próximo causando-lhe prejuízo com nossas palavras, jurando contra a verdade, ou contra seus interesses, enganando-o com nossas palavras e difamando-o com nossas maledicências”.

“Violam este mandamento de Deus os falsos testemunhos, quando as testemunhas ao serem interrogadas pelo autêntico juiz, ocultam, dissimulam ou ocultam a verdade com depoimento falso. Em tal caso, a testemunha é obrigada a reparar e restituir o dano que pudesse ter causado”.

“Também advogados e procuradores que anuem a causas perversas, ou que com sua negligência não defendem adequadamente a boa causa de seus defendidos; estes tais têm a obrigação de reparar os danos e interesses que causaram por sua culpa pelo revés da causa que eles haviam assumido defender”.

“Os notários ou tabeliães também pecam contra este mandamento quando, por ignorância ou por qualquer outra razão não redigem as atas e os contratos corretamente, e quando não guardam o sigilo dessas atas ou dos negócios que lhes foram confiados. Também pecam aqueles que revelam cartas confidenciais. Todos eles têm obrigação de reparar o dano que no caso tenham causado”.

“A mentira é um pecado cuja gravidade está na proporção com a importância do dano causado ou que se tenciona causar ao proferi-la... Por exemplo: é uma mentira muito prejudicial para o próximo, vender-lhe uma mercadoria de pouco valor por um preço elevado, afirmando que tem de ser este o preço, mesmo quando o custo real e o valor são menores”.

“Com a maledicência se comete pecado quando se fala mal de alguém em sua ausência, para difamá-lo. Este pecado é tanto mais grave, na medida da importância do dano causado ao próximo, pois ele o espolia de sua honra, o que vem a ser mais prejudicial que tirar-lhe seus bens”. Não é permitido dar ouvido às maledicências, e é um pecado muito grande acreditar nelas, pois isto constitui julgar e condenar temerariamente o próximo. “Também é muito pecaminoso referi-las, a menos que seja por espírito de caridade, a pessoas que podem remediá-las, ou tenham poder para punir àqueles que causaram o mal, ou àqueles que, por não estarem advertidos, poderiam sofrer prejuízo considerável”.

“Para evitar cair nas faltas que se cometem contra o próximo com as palavras, temos de ajustá-las às seis condições seguintes: 1ª) a verdade, dizendo as coisas tais como são; 2ª) a sinceridade, dizendo as coisas tais como as pensamos; 3ª) o amor de Deus, não dizendo nada que não seja do agrado dele e não seja para sua glória; 4ª) a caridade para com o próximo, não falando nada que o afete ou não lhe seja benéfico; 5ª) a necessidade, falando só quando é necessário; 6ª) a discrição, falando somente o que for oportuno falar”.

Em suas Meditações, La Salle pôs um exemplo de valor perene, com impacto particular para os franceses da época monárquica. São Luís, rei da França... amava ternamente seus súditos e, a par de se ter esforçado com maravilhoso cuidado em procurar paz e tranquilidade, lhes deu leis e boas normas para conduzi-los a Deus. Antes de morrer deu a seu filho instruções tão sábias e cristãs, que podem servir de guia aos reis para governar santíssimamente seus Estados. – Aplicando aos Irmãos essas instruções, os exorta: “Em vosso emprego deveis unir o zelo pelo bem da Igreja ao zelo pelo bem do Estado, do qual vossos discípulos começam a ser

membros, e do qual devem um dia sê-lo cabalmente. Procurareis o bem da Igreja, fazendo deles verdadeiros cristãos, tornando-os dóceis às verdades da fé e às máximas do santo Evangelho. O bem do Estado o promovereis ensinando-lhes a ler, a escrever e tudo quanto, em vosso ministério, se refere ao exterior. Mas é necessário que a este exterior se una a piedade; do contrário, vosso trabalho seria pouco útil” (*Med.160, 3*).

Sua teologia da educação inclui a educação social como base na fé e no Evangelho e a consequente moral social. A seu exemplo, os educadores cristãos atuais, a par do já dito a propósito do olhar pastoral ao entorno, ao planejar seus projetos educacionais, precisam exercer o discernimento crítico e criativo, proposto por Paulo VI em *Octogésima Adveniens*, de não esperar como orientação só o que já disse na doutrina oficial, que renovou o ensino católico: “Incumbe às comunidades cristãs analisar com objetividade a situação própria de seu país, esclarecê-la mediante a luz da palavra inalterável do Evangelho, deduzir princípios de reflexão, normas de juízo e diretrizes de ação conforme os ensinamentos sociais da Igreja assim como foram elaboradas ao longo da história... A estas comunidades cristãs cabe discernir, com a ajuda do Espírito Santo, em comunhão com os bispos responsáveis, em diálogo com os demais cristãos e todos os homens de boa vontade, as opções e os compromissos que convêm assumir para realizar as transformações sociais, políticas e econômicas que se consideram de urgente necessidade em cada caso. (*AO 3*). Esta atitude social crítica, reflexiva e comprometida é indispensável caso se quiser efetivamente servir aos pobres.

5. A INTUIÇÃO GERAL DE LA SALLE SOBRE EDUCAÇÃO INSPIRADORA

Nas *Regras Comuns* percebe-se a perspicácia peculiar de não reduzir o processo educativo a simples comunicação de conhecimentos ou ensinamentos ou aquisição de destreza, mas apresentam isto tão basicamente como acompanhamento inspirador. “O fim deste Instituto é dar educação cristã aos meninos; e é com este objetivo que o mesmo dirige as escolas, para que estando os meninos da manhã à tarde sob a direção dos mestres, estes possam ensinar-lhes a bem viver, instruindo-os nos mistérios de nossa santa religião, inspirando-lhes as máximas cristãs, e dando-lhes, assim, a educação que lhes convém”. *RC 1,3*). As Meditações falam de “infundir... o espírito do cristianismo; de estar animados de espírito cristão para comunicá-lo”.

Para inspirar a outros e não só instruí-los ou discipliná-los, necessita-se de uma força interior serena e radiante, que o Fundador denomina um espírito, ao qual atribui suprema relevância. Diz isto com solenidade: “O mais importante e o que mais cuidado deve merecer numa comunidade é que todos os que a compõem tenham o espírito que lhe é próprio. Que os noviços se esmerem por adquiri-lo e os que pertencem a ela tenham como principal cuidado conservá-lo e aumentá-lo em si, uma vez que este espírito é que deve animar todas as suas ações e ser o móvel de toda a sua conduta. Os que não o tem ou o perderam devem ser considerados e considerar-e a si mesmos como membros mortos, porque privados da vida e da graça de seu estado, e devem, outrossim, convencer-se de que lhes será muito difícil conservar-se na graça de Deus” (*RC 2, 1*).

Como principal redator das *Regras Comuns*, sobretudo nesta parte teológica e fundamental, define este espírito por três aspectos: “O espírito deste Instituto é, em primeiro lugar, o espírito de fé, que deve mover os que o integram a nada olhar a não ser com os olhos da fé, a nada fazer que não seja em vista de Deus, e a tudo atribuir a Deus, conformando-se sempre

com este pensar de Jó: ‘*O Senhor tudo me deu, o Senhor tudo me tirou, só me aconteceu o que foi do seu agrado*’, e com tantos outros semelhantes tão repetidas vezes formuladas na Sagrada Escritura e na boca dos antigos patriarcas (R 2, 2).

“Em segundo lugar, o espírito de seu Instituto consiste no zelo ardente de instruir os meninos e educá-los no temor de Deus, de levá-los a conservarem a inocência, se não a perderam, e desenvolver neles grande aversão e sumo horror ao pecado e a tudo o que possa fazer-lhes perder a pureza” (RC 2,9). “Neste Instituto se manifestará e conservará sempre verdadeiro espírito de comunidade” (RC 3,1).

Como se vê, foi repetida a noção de “inspirar”, e lhe foi acrescida a de “mover”, que hoje se pode entender como “motivar” e “impelir”.

Para os Irmãos estarem animados deste único espírito, as Regras assinalam alguns meios principais e de valor permanente nos dois primeiros aspectos. No terceiro, o espírito de comunidade, os meios que aparecem nessas *Regras*, hoje se consideram somente como tendências desejáveis, e algumas já não são viáveis. Por isso, os Capítulos gerais os substituíram por outros apropriados e factíveis.

Os dois meios centrais para ter o espírito de fé foram assim expressados: “Para adquirir este espírito e viver dele: Primeiro, os Irmãos desta Sociedade terão profundíssimo respeito à Sagrada Escritura; e, para manifestá-lo, levarão sempre consigo o Novo Testamento, e não passarão nenhum dia sem ler algo nele, por sentimento de fé, de respeito e de veneração às divinas palavras que contém, considerando-o sua primeira e principal regra” (RC 2,3,). “Em segundo lugar, os Irmãos desta Sociedade animarão todas as suas ações com motivações de fé, e, ao fazê-las terão sempre em vista as ordens e a vontade de Deus, as quais adorarão em vista das ordens e a vontade de Deus, as quais adorarão em todas as coisas e pelas quais procurarão conduzir-se e regular-se” (RC 2, 4).

Este segundo meio se reforça com uma prática que tem a vantagem de ser publicamente promovida mediante atos coletivos: “Estarão atentos o mais que puderem à santa presença de Deus e procurarão renová-la de tempo em tempo, bem persuadidos de que só devem pensar nele e no que Ele lhes ordena, isto é, nas coisas do próprio dever e ofício” (RC 2,7).

Em uma carta La Salle diz: “Procure que lhe seja frequente a lembrança da santa presença de Deus, pois ela é o principal fruto da oração”.

Nas Meditações acrescenta: “Aplicai-vos bem à meditação... e à prática do recolhimento interior, o qual, continuado com perseverança, facilitará o exercício da presença de Deus. Nada se deve nem se pode buscar com mais cuidado, porque tal exercício é bem-aventurança antecipada desde esta vida” (Med. 179,3).

“O retiro lhes ajudará muito... a infundir a piedade a vossos alunos. Mas se não gostais dele e vos aplicais pouco à oração, não dispois da unção necessária para inspirar-lhes o espírito do cristianismo” (Med. 126, 3). “Inspirai-lhes também a piedade e a modéstia... e também lhes inspirai a simplicidade e a humildade” (Med.. 200, 3).

O espírito de zelo, que na cultura atual é mais conhecido se o denominarmos ardor apostólico, se cultiva mediante quatro meios que são ações dos educadores, uma grande *meta* e outros dois *meios*, que são objetivos a cultivar nos alunos. “Com o fim de se compenetrarem

desse espírito, os Irmãos da Sociedade se esforçarão para promover, por meio da oração, das instruções, da vigilância e boa conduta na escola, a salvação dos meninos que lhes são confiados, educando-os na piedade e no verdadeiro espírito cristão, isto é, segundo as normas e princípios do Evangelho (*RC 2, 10*). O primeiro objetivo do afã apostólico é inspirar horror ao pecado *porque aqueles que praticam essas coisas não herdarão o Reino de Deus* (Gl 5, 21).⁹

Comunicar um modo de ser e não só saber, e uns comportamentos que na linguagem atual pertencem ao âmbito dos valores que não se aprendem por ensinamento teórico e adestramento em campanhas programadas, mas só pelo exemplo. La Salle já o sabia: “O exemplo impressiona muito mais o espírito e o coração do que as palavras. Isto ocorre particularmente nas crianças, cujo espírito ainda não é suficientemente capaz de reflexão. Assim, elas se moldam ordinariamente pelo exemplo dos mestres, inclinando-se mais a fazer o que vêem praticar do que aquilo que ouvem dizer, sobretudo se as palavras não corresponderem às ações” (*Med. 202, 3,2*). Para transmitir o “espírito do cristianismo” é preciso viver e irradiar com ardor apostólico o “espírito de fé”. O afã pela glória de Deus e pela salvação se demonstra ao inspirar sem descanso as máximas e práticas do Evangelho (*Med. 202,2*).

La Salle queria uma educação de alta qualidade também para os pobres, que mesmo quando alcançam uma educação muito elementar, podem chegar à elevada finalidade proposta por Deus a todo ser humano.

6. A CONVICÇÃO ECLESIOLOGICA DA EDUCAÇÃO CRISTÃ DE LA SALLE

A educação cristã, ao mesmo tempo anúncio e ensinamento divino, não é um simples ofício humano, mas empenho pelo Reino de Deus e ministério encomendado por Jesus Cristo e pela Igreja. “Jesus Cristo não se contentou com confiar aos apóstolos a função de catequizar. Ele mesmo o fez, ensinando as principais verdades de nossa religião, conforme é narrado em numerosas passagens do Evangelho, no qual diz a seus apóstolos: *É preciso que eu anuncie o Evangelho do Reino de Deus, pois para isso é que fui enviado* (Lc 4,43). Dizei também vós que é para isso que Jesus Cristo vos enviou, e que a Igreja, da qual sois ministros, a isso vos destina. Esmerai-vos, portanto, com toda a diligência necessária, para desempenhar essa função com o mesmo zelo e fruto que os santos tiveram. (*Med. 199,2*).

Como sois cooperadores de Deus em sua obra, disse São Paulo, e como as almas dos meninos que instruíis são *o campo que Ele cultiva* (1Cor 3, 9) por meio de vós, já que Ele vos deu o ministério que exerceis, quando comparecerdes ante o tribunal de Jesus Cristo, cada um de vós, por si mesmo, dará contas a Deus do que tenha realizado enquanto vós sois *ministros de Deus e dispenseiros de seus mistérios* para com os meninos” (*Med, 205,1*).

E é mais, os educadores cristãos constroem a Igreja ¹⁰.” *Os que antes estavam privados de Jesus Cristo eram estrangeiros quanto às alianças de Deus e sem esperanças em suas*

⁹ São Paulo, ao escrever isto, se referia às obras da carne: imoralidade sexual, impureza, devassidão, idolatria, feitiçaria, inimizades, contendas, ciúmes, intrigas, iras, discórdias, facções, invejas, bebedeiras, orgias e outras coisas semelhantes.

¹⁰ La Salle nunca usou a expressão “construir o Reino de Deus”, censurada por Bento XVI em *I Spe Salvi* 35: “Certamente, não “podemos construir” o Reino de Deus com nossas forças; o que construímos é sempre reino do homem com todos os limites próprios da natureza humana. O Reino de Deus é um dom, e precisamente por isso é

promessas, agora, pertencendo a Jesus Cristo, já não eram mais estrangeiros, mas concidadãos dos santos e membros da família de Deus. Eram o edifício erguido por Jesus Cristo sobre o fundamento dos Apóstolos e, assim, se tornaram o santuário em que Deus habita pelo Espírito Santo” (Med. 199, 3).

“Considerai que, por vosso emprego, deveis trabalhar *na edificação da Igreja sobre o fundamento lançado pelos santos Apóstolos*, mediante a instrução das crianças que Deus confiou à vossa solicitude e que *entram na estrutura do edifício*. É preciso que exerçais vosso emprego assim como os apóstolos cumpriram seu ministério. “Ao encarregar-vos Jesus Cristo a instruir os meninos e formá-los na piedade, vos encomendou o cuidado de *edificar seu corpo*, que é a Igreja”.

Os educadores fazem que os discípulos de Jesus Cristo cresçam como membros que são do corpo da Igreja: “Sua intenção é... que em tudo cresçam em Jesus Cristo que é sua cabeça, de quem todo o corpo da Igreja recebe sua estrutura e convergência, para que estejam sempre unidos com ela e nela de tal maneira, que pela íntima virtude que Jesus Cristo comunica a todos os seus membros, participem das promessas de Deus em Jesus Cristo.

Esta convicção leva à insistência onde confluem várias imagens eclesiológicas paulinas. O que deve animar-vos, ademais, a ter um grande zelo em vosso estado é que não somente sois ministros de Deus, mas também o sois de Jesus Cristo e da Igreja. É o que diz São Paulo, que quer que todos considerem aos que anunciam o Evangelho como ministros de Jesus Cristo... O amor de Deus deve pressionar-vos, porque *Jesus Cristo morreu por todos, para que aqueles que vivem, já não vivam para si mesmos, mas para aquele que morreu por eles*. Vosso zelo deve levar-vos a inspirar isto a vossos alunos, *como se o próprio Deus os exortasse através de vós já que sois embaixadores de Jesus Cristo*. Deveis também demonstrar à Igreja a qualidade do amor que lhe professais, e que lhe deis provas de vosso zelo, que trabalhais para a Igreja, como Corpo de Cristo que ela é, da qual *estais constituídos ministros*, segundo o mandato que Deus vos deu (Med. 201,2).

Outro aspecto da relação dos educadores cristãos com a Igreja é a obediência filial aos ensinamentos oficiais do papa e dos bispos unidos a ele por estarem encarregados de cuidar e aumentar o “rebanho” que compartilham com esses pastores, representantes e ministros superiores. “O Papa é o vigário de Jesus Cristo, o chefe visível da Igreja e o sucessor de São Pedro”. Todos os fiéis que são membros dela devem considerá-lo como seu pai e com a voz de que Deus se utiliza para transmitir-lhes suas ordens. Ele tem o poder universal que Jesus Cristo deu a São Pedro, de *ligar e desligar* e a quem confiou o cuidado de *apascentar seu rebanho*, na pessoa do mesmo santo apóstolo.

Vossa função é trabalhar no incremento e no cultivo do rebanho de Cristo. Por isso, deveis honrar nosso Santo Padre, o Papa, como o santo pastor desse rebanho e como o sumo sacerdote da Igreja. Deveis respeitar todas as suas palavras, e, deve bastar-vos que alguma coisa venha dele para prestar-lhe infinita atenção (Med. 106, 2).

grande e formoso, e constitui a resposta à esperança. E não podemos – para usar a terminologia clássica – “merecer” o céu com nossas obras. Este é sempre mais do que merecemos, do mesmo modo que ser amados nunca é algo “merecido”, mas sempre um dom... Podemos abrir-nos a nós mesmos e abrir o mundo para que entre Deus: a verdade, o amor, o bem. É o que fizeram os santos que, como “colaboradores de Deus” contribuíram para a salvação do mundo (cf. 1 Cor 3,9; 1 Ts 3, 2).

Os bispos foram estabelecidos por Deus como defensores da Igreja. São também, conforme a palavra de São Paulo, *os primeiros ministros de Jesus Cristo e os despenseiros dos mistérios de Deus*. É preciso honrar suas pessoas, respeitar-lhes as palavras e submeter-se a eles em tudo que se relaciona ao cuidado das almas que vos são confiadas.

“Para escolherem São Matias no lugar de Judas, os apóstolos não se contentaram com a oração. Refletiram conjuntamente para não determinarem sem deliberação. Estavam persuadidos de que *Deus lhes daria a conhecer sua vontade sobre a escolha a fazer de um dos presentes, que havia acompanhado a Jesus Cristo, e que devia participar com eles das funções sagradas do apostolado*” (At 1, 21-26 – Med. 107,2).

La Salle enuncia com liberdade e base bíblica o caráter ministerial dos educadores cristãos, e especialmente dos catequistas, que o magistério universal e local da Igreja aceitou após o Concílio Vaticano II com vagar, dificuldade e restrições.¹¹ O santo Fundador pensa o ministério eclesial em sua validade teológica, espiritual e carismática, que permanece, enquanto que o magistério eclesial hoje se ocupa mais do ministério eclesial em seu caráter de instituído e liturgicamente solenizado, o que é um âmbito diferente de conhecimento e competência. La Salle aceita e propõe a obediência dos ministros carismáticos aos ministros instituídos na Igreja.

O cônego João Batista Blain, Superior eclesiástico dos Irmãos das Escolas Cristãs de 1712 a 1725, sendo pároco de São Francisco em Ruão, de 1714 a 1716, fundou ali uma escola que confiou às *Irmãs do Sagrado Coração de Ernemont*, primeira congregação apostólica de votos simples com o nome do Sagrado Coração, instituída pelo Barão de Emermont, Bartolomeu de Saint-Quen e sua esposa, e erigida canonicamente em 1698 pelo arcebispo de Ruão, Monsenhor Colbert. O cônego Blain foi seu superior eclesiástico de 1711 a 1735, autor de suas Constituições, inspiradas nas do Beato Nicolás Barré e nas de São João Batista de La Salle. Difundiu em Ruão, entre 1673 a 1675, a devoção ao Sagrado Coração de Jesus na forma originada nas visões de Santa Margarida Maria de Alacoque, beatificada somente em 1864.¹² Nos escritos de La Salle não figura a locução Sagrado Coração, ainda que em sua doutrina apareça muitas vezes o termo “coração”. Sua doutrina é cristocêntrica, sinal de sua sujeição aos ditames da hierarquia eclesiástica e de sua opção por um ministério da palavra baseado na Bíblia e no magistério oficial, e não em revelações particulares.

7. A INTERPRETAÇÃO DO PROCESSO EDUCATIVO DE LA SALLE COMO HOMEM DE FÉ

A descrição minuciosa e estimulante do processo educativo interior do cristão em desenvolvimento, em La Salle assombra mais do que em qualquer outra pessoa que revelasse interesse neste processo.

¹¹ Em face da abertura de Paulo VI em sua Carta Apostólica *Ministeria quaedam*, de 15 de agosto de 1972, ver a *instrucción sobre algunas cuestiones relativas a la colaboración de los fieles laicos en el sagrado ministerio de los sacerdotes*, 15 de agosto de 1997.

¹² FOURÉ, A., *Jean-Baptiste Blain (1674-1751) Chanoine de Rouen*. “Bulletin de l’Institut des Frères des Écoles Chrétiennes” XLI-161 (1960), 68-79.

O processo educativo cristão inicia pelo conhecimento de Deus (*Med. 41,3*), em especial como a jovem mártir Santa Catarina de Alexandria, através da Sagrada Escritura que instrui para a salvação (*Med. 180, 2*).

Aprendereis melhor o Evangelho meditando-o do que sabendo-o decorado. Daí, reconhecer com Santo Agostinho que aquilo que impede ser de Deus são somente bagatelas; combater as tentações contrastando o prazer pecaminoso com o gozo de Deus pensando: Quem como Deus? Voltar-se deveras a Deus, conceder aos sentidos e ao espírito o uso necessário evitando pecar, reconhecer que a sorte do ser humano está somente em Deus, e que “se nas criaturas existe algo amável só o é por sua relação com Deus, e como emanção do próprio Deus e de suas perfeições” (*Med. 125, 3*).

Trata-se de colaborar no combate de Jesus Cristo contra os opositores a seu reinado, tomando como armas as virtudes e a palavra de Deus; de ler o Evangelho com frequência, com atenção, com amor e para praticá-lo (*Med, 171, 3*). “De bem pouco serviria estar iluminado com as luzes da fé, se não se vivesse segundo o espírito do cristianismo e se não se observassem as máximas do Evangelho. A principal conversão é a do coração..., sem ela a conversão da mente resulta totalmente estéril. Portanto..., incrementar a fé... seja para acrescentar (a) piedade” (*Med. 175,2*).

Com o olhar voltado para o reinado de Jesus Cristo na alma, trata-se de crucificar a velha e escravizada condição humana pecadora. Pedir a Deus que inspire “afastamento do mundo corrompido e afeição à santa moral de Jesus Cristo, deixar de pecar porque com nossos pecados *o crucificamos de novo*; deixar que Jesus destrua as más inclinações e o espírito próprio para não ter outras que as dele, e viver pelo espírito; morrer ao pecado e viver para a justiça, crucificar as más tendências para ser de Cristo. Evitar as más companhias, os maus exemplos e as ocasiões de pecado. Superar a *concupiscência da carne, a concupiscência dos olhos e a soberba da vida* dos mundanos, para preparar-se a receber o Espírito Santo. Afastar-se do pecado e conservar a graça mediante a oração e os sacramentos”.

A conversão põe em prática uma renovação interior dia após dia visando o invisível que permanece eternamente. É um crescimento que consiste em tornar-se discípulo de Jesus que se dedicou a fazer não a sua vontade, mas a vontade de Deus Pai que o enviou ao mundo. Unir as ações às de Jesus Cristo para dar frutos de salvação.

Considerando que todos os que amam a Jesus e são amados por Ele honram muito a Santíssima Virgem Maria, e são também muito amados pela santa Mãe de Deus, é preciso tornar-se dignos da ternura dessa Mãe. Ter grande devoção a ela, que foi muito honrada pelo Pai Eterno, que a promoveu acima de todas as puras criaturas, porque levou em seu seio aquele que é igual a Ele como segunda pessoa da Santíssima Trindade. Professar-lhe maior devoção que a qualquer outro santo ou santa.

Acudir ao arcanjo São Miguel no combate espiritual. Invocar o anjo da guarda nas necessidades, aflições e tentações.

Orar pelas almas do Purgatório. Unir-se à Igreja oferecendo a santa missa pelos falecidos; oferecer a vida a Deus em gratidão por ser esta um dom gratuito. Acolher no coração a nova aliança de amor com Deus. Dedicar-se a *agradar a Deus, a levar uma vida digna do Senhor, agradando-lhe em tudo, dando frutos de boas obras e crescendo no conhecimento de Deus*

Encher o dia todo de boas obras. Venerar a cruz ao ter o privilégio de carregar alguma e agradecer a Deus por esta honra e mostrar que qualquer pessoa só deve *gloriar-se na cruz de Jesus Cristo*. Unir-se a Jesus ao sobrevir alguma aflição, por ser membros dele para completar o que falta à paixão de Cristo, aplicando-a si mesmo, ao participar em seus padecimentos. Tratar as pessoas de caráter difícil com paciência e oração.

Receber os sacramentos com frequência e viver segundo o espírito do Cristianismo. Ser feliz por Cristo quando tiver de padecer um sofrimento que sobrevir. Orar para receber a graça renovadora do Espírito Santo. Inflamar-se do Espírito Santo para ser missionário.

Ressuscitar com Cristo, viver segundo a graça uma vida de todo nova e celestial, e *buscar as coisas lá de cima*; despojar-se do homem velho e revestir-se do homem novo. Ver tudo com os olhos da fé inspirados pelo Espírito da verdade. Dispor-se a sofrer perseguições. Orar para conhecer a própria vocação. Converter em tabernáculo vivo o coração e o corpo pela comunhão do corpo e sangue de Jesus. Comungar para chegar a ser santo, não porque já se é santo. Agradecer a Jesus Cristo que mora conosco no Santíssimo Sacramento. Comungar por ser o meio mais fácil e mais seguro deixado por Deus para unir-se a Ele; recebê-lo na comunhão, deixando que viva e atue em nós mediante seu Espírito. Alimentar-se desse *pão descido do céu*, tantas vezes quanto se queira para caminhar com vigor pela senda da virtude, e adquirir com esse alimento vigor e paz para superar as dificuldades no caminho da virtude.

Quando Deus reina em uma alma, esta tem a honra, diz São Paulo, de ser templo de Deus. Deus a conduz por seu Espírito a sua intimidade e a atuar movida pelo Espírito Santo. Deixar que o Espírito Santo dê a conhecer à alma o que Deus pede a ela para ser toda dele. Ocupar-se de Deus na oração porque Deus nos amou primeiro. Aproveitar as visitas de Deus na oração e na comunhão para adquirir virtudes e tender à perfeição.

É feliz aquele que só vive e atua guiado pelo Espírito de Deus, e goza da *liberdade dos filhos de Deus* (Rm 8, 21). Vive inseparavelmente unido a Cristo com sua paz, que nenhuma tribulação, angústia, perseguição, fome, nudez, perigo, espada podem vencer (Rm. 8,35). Adquire vida totalmente celestial; participa da vida do Salvador e terá uma recompensa da vida eterna se conservar o Espírito de Jesus Cristo; comunga para viver em Jesus e chegar a viver por Jesus como Ele vive pelo Pai, para chegar à idade do homem perfeito e da plenitude de Jesus Cristo (Med. 205, 3).

A teologia da educação, como se pode ver, é trinitária, cristocêntrica, eclesiológica, sacramental, moral e soteriológica, vinculada a todos os aspectos fundamentais da teologia, sem constituir tema à parte. Não emprega a noção de iniciação cristã. Com sua experiência de formar conversos, aspirantes, noviços, religiosos e leigos apostólicos até mesmo em seus altos e baixos de fidelidade, propõe atitudes para o crescimento cristão em qualquer idade da vida até a perfeição. Vincula espontaneamente a educação com o desenvolvimento espiritual e harmoniza a teologia da Educação com a teologia espiritual.

8. O MÉTODO DE ORAÇÃO MENTAL DE LA SALLE

São João Batista de La Salle, em seu *Memorial sobre o Hábito* asseverou que “os exercícios da Comunidade e do emprego da escola exigem um homem por inteiro. Mestre espiritual, elaborou um método de oração mental (meditação) para essas pessoas intensamente

ocupadas, que são os Irmãos das Escolas Cristãs e também os leigos que, desde 1685, se formavam em seus Seminários de Professores para o Campo. Falando destes, diz que eles necessitam de “alguns anos até que estejam inteiramente formados, tanto na piedade como naquilo que concerne a seu emprego”.

Seu método de oração mental que já se está difundindo entre os alunos e antigos alunos jovens, consiste em uma sucessão bastante lógica mas flexível de atitudes afetivas para manter a união com Deus e motivá-la também para posteriores momentos do dia. Quem segue este método nunca está sem saber o que fazer durante a oração e, chega a sentir que lhe faltou tempo.

A explicação do método inicia com uma definição: “A oração mental ou meditação, é uma ocupação interior, isto é, uma aplicação da alma a Deus”. Descreve seu método longamente: “A oração mental consta de três partes. A primeira, denominada com propriedade, de *recolhimento*, é a *preparação da alma* para a meditação. A segunda é a *aplicação ao tema* da meditação. A terceira é a *ação de graças* ao final da meditação”. Tanto na primeira como na segunda parte há também atos de agradecimento, que tornam a oração agradecida e a vida feliz; isto lembra que La Salle era uma personalidade eucarística, muito propenso à ação de graças.

Para fazer uma oração mental, a primeira ocupação da alma é compenetrar-se interiormente da presença de Deus. Isto sempre se deve realizar fixando a mente num sentimento de fé, fundamentado em alguma passagem da Sagrada Escritura, referente a Deus sempre presente, onde quer que seja: 1º)Em toda parte; 2º)Em nossa alma, onde habita a Santíssima Trindade; 3º)No meio daqueles que se reúnem em nome dele; 4º)*Porque nele vivemos, nos movemos e existimos*; 5º)Porque nosso corpo é templo (morada) de Deus; 6º)Na igreja, por ser a casa de oração; 7º)No Santíssimo Sacramento (Eucaristia); 8º)Nos pobres.

Propõe tomar como assunto da oração um mistério, virtude, máxima de Jesus Cristo... que conheçamos pela Sagrada Escritura. Este método, profundamente bíblico, é uma excelente forma de leitura orante da Palavra, diferente da *Lectio Divina* da tradição medieval, que é outra forma, como Bento XVI distingue em *Verbum Domini*, 86. La Salle sugere interpretar a Bíblia não sempre à letra, mas com bom senso, flexibilidade e comparando textos afins. A *História crítica do Antigo Testamento* publicada em 1678 pelo oratoriano Richard Simon, estudada então por sua tese de que só a Escritura não basta para compreender a revelação divina, com uso crítico inaugural da história nos textos sagrados, muito debatido, talvez tenha influenciado em sua leitura bíblica não tão literalista. A par disto, é pioneiro impulsor da animação bíblica da educação¹³.

Expõe nas páginas seguintes: “Há nove atos a respeito de como fazer a primeira parte da oração mental. Os três primeiros se referem a Deus: primeiro, um ato de fé; segundo, um ato de adoração; terceiro, um ato de agradecimento”.

Os atos seguintes a fazer na oração referem-se a nós mesmos. O primeiro é um ato de humildade; o segundo, de confusão; o terceiro, de contrição. A humildade, no Novo Testamento não consiste em rebaixar a autoestima, mas reconhecer que todo o bem que existe na própria pessoa é dom de Deus. A confusão, pelo fato de ser pecador. A contrição é o arrependimento confiado no perdão compassivo de Deus.

¹³ GARCIA AHUMADA, FSC., E. – *Animación bíblica de nuestra pastoral*. Cuadernos MEL. Roma 2007. Nº 33.

É importante fazer outros três atos que se referem a Nosso Senhor: Um ato de aplicação dos méritos de Nosso Senhor; pedindo ao Senhor confiadamente que nos aplique um de seus méritos. Um ato de união ao Nosso Senhor, pedindo que Ele una sua oração filial ao Pai que sempre o atende à nossa. E um ato de invocação do Espírito de Nosso Senhor; suplicando que seu Espírito ore em nós. É possível fazer os atos da primeira parte de maneira reduzida, detendo-se neles durante pouco tempo.

Na segunda parte da oração, quem segue este método pode concentrar-se em algum mistério de nossa santa religião, particularmente de Nosso Senhor... ou ainda sobre algum mistério em que entra a Santíssima Virgem Maria. O tema também pode ser a aplicação de alguma virtude em particular... sendo importante, no caso, compenetrar-se bem, interiormente da necessidade da virtude em questão. Outro tema pode ser uma máxima do santo Evangelho. Entendem-se como máximas as sentenças ou passagens da Sagrada Escritura que contêm algumas verdades necessárias à salvação.

Nesta parte La Salle propõe nove outros atos. Os três primeiros se referem a Nosso Senhor; os três seguintes, a nós mesmos; os três últimos se referem, o primeiro, um ato de fé, a Nosso Senhor, o Filho; o segundo, um ato de adoração, a Deus Pai e Espírito Santo; e o terceiro, um ato de agradecimento, aos santos”.

Se o tema da oração for um mistério, por exemplo, “o Nascimento do Menino Jesus”, para se persuadir mais firmemente desta verdade é preciso aplicar a mente à passagem da Sagrada Escritura, como: “*Eis que a Virgem ficará grávida e dará à luz um filho. Ele será chamado pelo nome de Emanuel, que significa, Deus conosco*”(Mt 1,22). “*Deus que não poupou o próprio Filho, mas o entregou a todos nós. Como é que Ele não nos daria tudo?* (Rm 8,32). “*Amemos pois a Deus, porque Ele nos amou primeiro*” (1 Jo, 4, 19).

Depois... é muito oportuno fazer um ato de adoração para prestar homenagem a Nosso Senhor no ato de obrar o mistério... em profundo respeito: *Meu Senhor e meu Deus!* – se faz um ato de agradecimento... por ter querido obrar esse mistério: *Como pagarei o Senhor por todo o bem que me fez?*

Seguem três atos que se referem a nós mesmos: ato de confusão, de contrição e de aplicação.

O ato de confusão se faz reconhecendo diante de Deus quanta vergonha se deve sentir por não se ter aplicado bastante para adquirir o espírito do mistério. Inclusive é muito a propósito pensar nas ocasiões em que se faltou a ele. Convém pedir perdão pelas faltas que se cometeu contra o espírito do mistério.

Faz-se um ato de aplicação considerando diante de Deus a grande necessidade que se tem de entrar no espírito do mistério, tomando para isso os meios próprios e particulares para conduzir-se segundo esse espírito, quando se apresentar a ocasião.

Ainda restam três atos a fazer: um ato de união a Nosso Senhor, um de pedido a Deus e um de invocação dos santos a quem se tem mais devoção. Faz-se um ato de união com Nosso Senhor, unindo-se interiormente a seu espírito neste mistério e às disposições interiores que Ele teve. Um ato de pedido, para alcançar o espírito do mistério e todas as graças que Nosso Senhor nos mereceu nele. Um ato de invocação dos santos a que se tem particular devoção, e

principalmente aos que tiveram parte no mistério-tema da oração... à Santíssima Virgem Maria, a São José, ao santo anjo da guarda e aos santos patronos do batismo e da religião.

É possível não se empenhar em fazer todos os atos da segunda parte na mesma oração, mas apenas dois ou três. Este modo de proceder parece útil para captar o sentido e espírito dos atos e compenetrar-se mais intimamente deles, cuidando, contudo, de tomar as resoluções, ou renovar as que anteriormente se tivessem tomado.

A terceira parte consta de três atos: a revisão do que se fez na oração; um ato de agradecimento; um ato de oferecimento de nossa oração a Deus; as resoluções que nela tivermos tomado e as disposições em que estamos em cumprí-las, *oferecendo também a nós mesmos a Deus* (Rm 12, 1).

Com estas sucessivas atitudes emocionais se interiorizam com apoio bíblico os temas-chaves da fé cristã com ânimo de pô-la em prática em relação pessoal íntima com o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Neste modo de oração interior a teologia se faz espiritualidade.

9. O RECONHECIMENTO DA PRIMAZIA EDUCATIVA DA FAMÍLIA

La Salle considera o educador como delegado dos pais que têm a primazia da autoridade sobre os filhos, mesmo que usualmente muitos não a saibam exercer. No batismo de um(a) filho(a) eles reconhecem seu dever de educá-los(as) na fé, dever do qual são os primeiros encarregados. É obrigação deles ensinar, por si mesmos ou por outros, os principais mistérios da fé, os mandamentos de Deus e da Igreja e as orações que devem rezar normalmente todos os dias. E quando os filhos chegarem à idade de estarem preparados para comprometer-se e optar por um estado de vida, os pais e as mães devem consultar sobre isto a Deus e examinar muito se são chamados ao estado da opção dos filhos, dar-lhes a conhecer as obrigações desse estado e os pecados em que podem incorrer. São obrigados a corrigir, isto é, repreender e castigar seus filhos, quando cometem alguma falta; mas é preciso que o façam com ternura e caridade, e não com ira ou injúrias. Os pais e as mães devem vigiar muito a si mesmos para sempre dar bom exemplo a seus filhos, e não praticar nada de mal em sua presença. Devem ter presente que muitos são ou serão condenados por haverem sido causa dos pecados de seus filhos, por não os haverem corrigido, ou por ter-lhes dado mau exemplo. Os educadores recebem o encargo por parte dos pais e mães.

A escola cristã apoia a missão dos pais ou daqueles que por vezes exercem esse papel. O Irmão Diretor não admitirá na escola nenhum menino que não seja apresentado pelo pai ou a mãe, ou a pessoa em cuja casa viva, ou alguém outro de quem o menino estiver incumbido, e que tenha idade suficiente, e se tenha garantia que responde pelos pais. A escola desperta o interesse dos pais pelo desenvolvimento religioso dos filhos. Ao receber um aluno, o Diretor se informará, por meio da pessoa que o apresenta, o nome de batismo e o nome de família do aluno, o nome do pai e o da mãe, ou da pessoa sob cuja tutela o menino se encontra, a profissão deles, o domicílio, rua onde mora, emblema e paróquia, a idade do menino, se está confirmado e se fez a primeira comunhão.

Desde o início a escola se envolve em sua formação moral e em sua possível inserção de trabalho, sem separar estes aspectos de seu relacionamento com Deus. Se já for um rapaz, sobre o que seus pais queiram que ele venha ser, se desejam que aprenda um ofício, e em quanto

tempo; a capacidade que tenha de ler e escrever... quais são os bons e os maus hábitos ou qualidades do rapaz; se tem alguma doença ou enfermidade corporal, sobretudo se tem escrófula, deficiência física grave ou epilepsia, ou qualquer outra enfermidade contagiosa ou contagiante, tudo aquilo de que se deve ter o máximo cuidado. Caso tivesse alguma enfermidade corporal, o diretor devia informar-se se isto pudesse impedi-lo de assistir às aulas. Igualmente, sobre quanto tempo fazia que não se confessava, e se ia confessar-se com frequência; se andava com rapazes indisciplinados... E, através do próprio aluno, o diretor devia informar-se, se dormia sozinho ou com outro e, neste caso, com quem.

Procura envolver os pais na educação religiosa e obter sua colaboração. Quando se admitia um aluno na escola, havia obrigação de exigir dos pais e do aluno que tivesse todos os livros necessários, e um livro de orações, se sabia ler, ou um rosário se não soubesse ler, para rezar durante a santa missa. Que fosse assíduo à escola e nunca faltasse sem permissão; que fosse exato em estar na escola todos os dias, de manhã às sete horas e meia, e de tarde à uma hora. Que não faltasse ao catecismo nem à missa solene nos domingos e festas, sem grande necessidade e sem permissão; caso não observasse isto seria despedido; que não “tomasse café” (se desjejuasse) nem merendasse fora da escola, para ensinar-lhe a comer cristã e educadamente.

Aconselha um diálogo franco e aberto dos pais com os professores. Que os pais não dêem ouvido àquilo que seus filhos lhes possam referir, seja contra a pessoa de seu professor ou contra a maneira de proceder dele. Sugere que quando um filho se queixe de algo, os pais se tomem o tempo de ir falar com o professor sem que o(s) filho(s) esteja(m) presente(s). O professor deverá esforçar-se para resolver o problema, e fazer com que os pais fiquem satisfeitos. Que os pais enviassem os filhos à escola tanto no inverno como no verão. Que o aluno tenha roupa adequada, e só venha à escola com roupa conveniente e limpa, bem penteado e livre de piolhos, ponto ao qual o professor estará atento com todos os alunos, principalmente com os menos asseados; que nunca venham à escola com pernas expostas e só de camisa; do contrário serão castigados e mandados para casa.

Caso se notar que os alunos abandonaram a escola em que estiveram por excessiva propensão à mudança, se mostrará aos pais que isto prejudica muito as crianças; que devem decidir-se a não mais transferi-las e que, se no futuro, deixarem a escola, não serão mais aceitas. Se o motivo de haverem deixado a escola é o terem sido merecidamente corrigidas é preciso dizer aos pais que não devem dar atenção às queixas dos filhos contra o professor; que, se não cometessem faltas, não seriam corrigidos, e que eles devem concordar que sejam corrigidos caso tenham agido mal; do contrário não devem enviar os filhos à escola. Se o aluno deixa a escola por ter sido mal ensinado, ou por qualquer outro motivo que torne o professor aparentemente culpado, é preciso evitar cuidadosamente de censurar o professor, e escusá-lo quanto possível.

Em conhecimento dos costumes dos meninos de então, o manual adverte os pais sobre os perigos morais possíveis. “Que não se banhem no verão, pois constitui grave risco para a pureza; que, no inverno, não deslizem na neve, não arremessem neve nos outros; que não frequentem meninas, nem companheiros de mau comportamento, mesmo que seja apenas para brincar com eles”.

“Que não se deitem para dormir com o pai ou a mãe, nem com alguma de suas irmãs, nem com pessoa do outro sexo; e, se o fizerem, devem-se comprometer os pais a que os separem e, se preciso, avisar o pároco da igreja onde residem, para obrigá-los a isso”.

Que os pais não dêem dinheiro aos filhos e não permitam que o tenham, por pouco que seja, já que isso, ordinariamente, é uma das principais causas por que se desencaminham. Se o aluno esteve em outra escola, que os pais acertem as contas com o mestre anterior do filho, se eventualmente lhe ficaram devendo algo.

Reconhece que a escola deve melhorar seu serviço para cumprir as aspirações legítimas dos pais. Se acontecer que os pais se queixem que seus filhos não aprendem nada ou muito pouco, se quiserem retirar seus filhos por este motivo é preciso solucionar este inconveniente: Primeiro, não designando em uma classe de escrita um professor que não seja capaz de ensinar a escrever. Segundo, procurar não designar ou manter em nenhuma classe um professor que não seja capaz de cumprir seu dever e ensinar devidamente os meninos que estão ao seu encargo.

No caso de a deficiência educativa ter sido originada pelos pais, propor a persuasão como remédio. “Se o filho esteve ausente por culpa de seus pais, eles deverão mandar que ele frequente a escola, e depois se falará aos pais em particular para que se deem conta da falta e do prejuízo que causaram ao filho com ocasionar ou permitir sua ausência, se for o caso pedirá o compromisso que sejam fieis em obrigar o filho que frequente assiduamente a escola. Inclusive se lhes manifestará que se voltar a faltar por esse tipo de motivos, ele não será mais admitido, o que deverá ser cumprido efetivamente. Se algum aluno faltar à aula por sua culpa, o inspetor, ou quem ocupar seu lugar, o repreenderá na presença do pai que o tenha trazido, e logo, em particular dará ao pai os avisos que considerar necessários para impedir essas ausências.

Mantém o princípio de que por vezes cabem sanções extremas, mas podem ser provisórias quando houver colaboração dos pais e emenda. “Se para a admissão para a escola, for apresentado alguém que já tenha estado nela e foi expulso, verificar-se-á no registro qual foi a causa; e, depois de haver comunicado aos pais os motivos sérios que se teve para excluir o aluno da escola e de havê-los feito insistir durante algum tempo, será ele recebido, caso houver esperança de emenda, sob a condição de expulsá-lo, se não mudar de conduta. Se houver pouca esperança de que se corrija, que é o que ordinariamente acontece, somente será recebido depois de dificultar-lhe muito a admissão e, caso não se corrija, será expulso.

Em sua condição de teólogo da práxis eclesial ou pastoralista, como agora se fala, La Salle considera os pais de família como os primeiros educadores por direito ou dever natural e cristão. A escola cristã só aceita crianças, adolescentes... apresentados por seus pais ou qualquer tipo de tutor. Instaura uma colaboração e também a exige, conquanto seus responsáveis são ministros de Deus e da Igreja. Estes pedem aos pais informação sobre a situação dos filhos no que tange os sacramentos e condiciona o apoio que deem à instrução religiosa, à participação diária e especialmente dominical na eucaristia, e também a assiduidade, pontualidade e obediência às normas da escola, incluída a eventual aceitação de castigos. Não separa na unidade da pessoa os aspectos humanos ou terrenos dos divinos ou eclesiais, uma vez que as famílias da época em parte eram da paróquia, ainda que sempre distinguisse os dois aspectos. Se o menino é expulso da escola depois de um processo pautado para evitá-lo, a responsabilidade educativa total volta a ser dos pais. Reconhece aos pais o direito a um bom serviço escolar, pelo que os responsáveis devem melhorar o serviço a Deus e à Igreja. Na prática, dada a fragilidade geral da educação cristã nas famílias pobres, prevê o apoio educativo dos pais.¹⁴

¹⁴ Este princípio de ajudar à família a ser efetivamente educadora da fé dos filhos originou o exitoso sistema que explico na *catequesis familiar de iniciación eucarística*. Cadernos MEL nº 19 (2005), 29-32.

O Concílio Vaticano II declara os direitos da educação dos pais de família, inclusive em face do Estado, nesta época já não de cristandade, mas de laicidade dos serviços públicos. É necessário que “os pais, cuja primeira e intransponível obrigação é de educar os filhos, gozem de absoluta liberdade na escolha das escolas. O poder público, a quem corresponde amparar e defender as liberdades dos cidadãos, atendendo à justiça distributiva, deve procurar distribuir os subsídios públicos de modo que os pais possam optar com liberdade absoluta, segundo sua própria consciência, as escolas para seus filhos” (CF. GEM 6a).

Para os alunos católicos que se educam em escolas não-católicas, necessitados de educação moral e religiosa, de conhecimento da doutrina católica, o Concílio “lembra aos pais a grave obrigação que têm de dispor, e até mesmo exigir, tudo o que necessário para que seus filhos possam usufruir de tais auxílios e progredam na formação cristã par a par com a profana” (Cf. GEM 7b).

10. A CONCEITUAÇÃO DE LA SALLE SOBRE A ESCOLA CRISTÃ

A consciência da profusão de pecados na sociedade fez com que La Salle atinasse a escola cristã como um antídoto. “*Se a finalidade da vinda do Filho de Deus a este mundo foi destruir o pecado, este deve ser também o fim principal da instituição das Escolas Cristãs*”. (Med. 202,1). Isto também motivou Jesus Cristo a dizer que *Deus amou tanto o mundo que lhe deu seu Filho Único, para que quem cresse nele não pereça, mas alcance a vida eterna* (Jo 3, 16). Não há pessimismo em sua visão e atitude, devido à sua fé e esperança no poder do amor de Deus.

Do martírio de um grande bispo dedicado à educação, La Salle infere a excelência teórica e a importância prática do apostolado escolar para edificar a Igreja. “São Cassiano, tendo o imperador Juliano, o apóstata, proibido que qualquer católico ensinasse a juventude, ajuizou que não podia exercer emprego mais útil à Igreja, nem mais adequado para manter a religião do que o de mestre-escola. Dedicou-se com todo o cuidado possível a instruir os meninos e, a par de ensinar-lhes a ler e escrever, os formava na piedade e os educava no amor e temor de Deus. O imperador, por outro lado, esforçava-se para destruir a religião, suprimindo as escolas. São Cassiano, pelo contrário, buscava os meios de consolidá-las, mediante a instrução e educação da juventude... uma das tarefas mais importantes e excelentes da Igreja, pois é um dos mais aptos para sustentá-la, dando-lhe fundamento sólido. (Ver Meditação 155 – é um dos santos padroeiros do Instituto).

O ensino cristão diário é um serviço eminente a Jesus Cristo e uma tarefa fundamental para a Igreja. Santa Margarida da Escócia se fez mestra-escola para seus filhos, persuadida de que era o mais agradável a Deus que ela podia praticar. Cada manhã ocupava-se em instruir crianças pobres e depois, de joelhos, lhes dava de comer, honrando nelas a Jesus Cristo.

Deve-se “estimar muito particularmente a instrução e a educação cristã das crianças, meninos, meninas, adolescentes, jovens... porque é um meio para conseguir que cheguem a ser verdadeiros filhos de Deus e cidadãos do céu, e constitui, propriamente, a base e o apoio de sua piedade e de todos os demais bens que se realizam na Igreja”.

Todavia, a atividade escolar profissional pode distrair os professores da atenção à sua finalidade apostólica. A escola é um espaço absorvente, capaz de afastar a mente de sua orientação a Deus e à salvação pessoal e a dos alunos. Para La Salle a escola é o espaço de

evangelização, de salvação e de fazer Igreja, o que é preciso ter presente para não perder o sentido cotidiano do que se faz, como adverte na meditação do fim de ano.

O Concílio Vaticano II em sua Declaração *Gravissimum Educationis Momentum*, em face da secularização da cultura, e consciente da liberdade religiosa e demais direitos humanos na sociedade pluralista, atualizou o conceito de escola cristã. Estabeleceu como nota distintiva da escola católica “criar um ambiente da comunidade escolar animado pelo espírito evangélico de liberdade e de caridade, ajudar os adolescentes para que no desenvolvimento pessoal cresçam ao mesmo tempo segundo a nova pessoa que foram feitos pelo batismo, e ordenar finalmente toda a cultura humana segundo a mensagem da salvação, de modo que fique iluminado pela fé o conhecimento que os alunos vão adquirindo do mundo, da vida e do homem” (*GEM 8*).

A diferença da escola em que os primeiros Irmãos e os professores rurais formados por eles abrigava somente alunos católicos, o Concílio destaca o sentido missionário da escola católica que também atende alunos não-católicos: “A Igreja igualmente aprecia muito as escolas católicas, aquelas que, de modo especial nos territórios das novas igrejas assistem também alunos não católicos” (*GEM 9a*).

O Concílio fez prescrições às Faculdades e Universidades católicas: “Organizá-las de modo que cada disciplina seja cultivada segundo seus próprios princípios, seus próprios métodos e a própria liberdade de pesquisa científica, a fim de que cada dia seja mais profunda a compreensão que dela se alcance e, tendo em conta com esmero as pesquisas mais recentes do progresso contemporâneo, se perceba com profundidade maior como a fé e a razão tendem à mesma verdade, seguindo as pegadas dos doutores da Igreja, sobretudo Santo Tomás de Aquino” (*GEM 1a*). Encarrega as faculdades de ciências sagradas: Formar seus próprios alunos, não só para o ministério sacerdotal (presbiterial) mas, sobretudo, para ensinar nos centros de estudos eclesiais superiores, para fazer avançar com o trabalho pessoal as disciplinas, ou para tomar sobre si as mais árduas funções do apostolado intelectual.

A essas faculdades concerne igualmente a pesquisa mais profunda dos distintos campos das disciplinas sagradas, de maneira que obtenha uma inteligência cada dia mais profunda da Sagrada Revelação, se abra acesso mais amplo ao patrimônio da sabedoria cristã legado por nossos maiores, se promova o diálogo com nossos irmãos separados e com os não-cristãos, e se responda aos problemas suscitados pelo progresso das ciências” (*CEM 11 a*). O novo Código Canônico de 1983, em consequência, estabeleceu normas sobre as universidades e faculdades católicas (*can. 807-821*), o que é também tema de teologia da educação.

A Congregação para a Educação Católica publicou reflexões práticas de teologia da educação cristã:¹⁵ “*La Escuela Católica*, em 1977; *El laico católico, testigo de la fe en la escuela católica*, em 1982; *Dimensión religiosa de la educación en la escuela católica*, em 1988; *Una Comunidad Educativa que aspira a educar en la fe*, em 1996; *La escuela católica en los umbrales del tercer milenio*, em 1997; *Las personas consagradas y su misión en la escuela*, em 2002; e *Educar junto en la escuela católica*, em 2007. As Conferências Gerais do Episcopado em cada continente e as Conferências Episcopais de cada país contribuem com suas próprias reflexões sobre a escola católica em seus contextos culturais e sociopolíticos.

¹⁵ www.vatican.va/ La Cúria Romana/ Educación Católica.

11. A DIREÇÃO PASTORAL DA ESCOLA POR LA SALLE

O *Guia das Escolas Cristãs* publicado em 1720, que teve 22 outras edições gradualmente adaptadas até 1903, com grande influência em outras Congregações nos séculos XVIII e XIX, marca o dia escolar em atos de piedade.

Ao entrarem na escola, os alunos andarão tão leve e pausadamente, que não sejam ouvidos; tendo o chapéu (gorro, boina...) na mão, molham o dedo na água benta e, fazendo o sinal da santa cruz, se dirigirão em seguida, diretamente à respectiva sala de aula. Serão estimulados a entrar em sua sala com profundo respeito, por causa da presença de Deus. Chegados ao meio da sala, farão profunda inclinação ao crucifixo, saudarão o professor, caso ele estiver e, a seguir, por-se-ão de joelhos para adorarem a Deus e rezarem curta oração à Santíssima Virgem. Concluída a prece, levantar-se-ão, farão novamente a reverência ao crucifixo, saudarão o professor, indo em seguida, devagar e sem ruído, a seu lugar costumeiro.

Tão logo a sineta parar de soar, o encarregado iniciará a oração, em voz forte, clara e pausadamente: após ter feito o sinal da santa cruz, acompanhado por todos os alunos, iniciará o *Veni Sancte Spiritu...* Os alunos continuarão com ele, mas num tom menos forte e, assim, com ele, recitarão todo o restante da oração, de acordo com o indicado no livro de orações das Escolas Cristãs. Terminada a oração, os professores baterão com as mãos, e todos os alunos, ao mesmo tempo se levantarão, fazendo em seguida, silenciosamente, o desjejum.

Há muitas indicações sobre a postura e o comedimento e ordem nas orações e durante a aula de catecismo.

É preciso ter muito cuidado em não admitir, como razão de os alunos trazerem pão à escola o fato de os pais o proibirem, por receio de que se obrigue a dá-lo na escola. Porque não se deve coagi-los a dar pão aos pobres. Isso é inteiramente livre, e eles não devem fazer a não ser muito voluntariamente e por amor a Deus. É necessário fazer-lhes compreender que, se a gente deseja que comam na escola, é para ensinar-lhes a fazê-lo de forma bem comportada, com moderação e educadamente, e para rezarem a Deus antes e depois de fazê-lo. O professor velará que os alunos não brinquem durante o desjejum e a merenda, porém estejam muito atentos ao exercício feito na escola durante esse tempo. E, para certificar-se disso fará repetir, de tempo em tempo, por alguém o que foi dito. Não se permitirá aos alunos darem um ao outro o que for, mesmo de seu desjejum, nem de o trocarem entre si. Se o professor perceber que alguém o faça, o punirá imediatamente.

Durante todo o tempo de aula, fora do tempo de catecismo ou das orações, haverá sempre dois ou três alunos de joelhos, um de cada classe que rezem o rosário, uns depois dos outros, em um lugar da escola destinado para isto.

A cada hora do dia se farão breves orações que servirão ao professor para renovar sua própria atenção à presença de Deus, e habituar os alunos a pensar em Deus de vez em quando durante o dia, e dispô-los a oferecer a Deus todas as suas ações, para atrair suas bênçãos sobre elas. No início de cada lição se fará uma breve oração ou algum ato para pedir a Deus a graça de estudar e aprender bem. Não se pede a Deus obter uma boa qualificação, pois esta será mera consequência.

Depois da oração da manhã, cada professor em sua classe fará uma breve reflexão adotada ao alcance de seus alunos. Os temas dessas reflexões podem ser tirados do Novo Testamento, das necessidades educativas locais e de sua relação com os acontecimentos atuais, temas referentes à prática religiosa, aos mistérios celebrados na liturgia do dia, à veneração dos santos cuja memória é celebrada no dia, aos modos de proceder como cristão e como cidadão, à observância dos mandamentos, à vida honesta, à solidariedade, às boas maneiras e até mesmo à maneira de estudar...

Nas escolas haverá encarregados para exercer variadas funções. La Salle nomeia nada menos de 14. As funções deles são especificadas minuciosamente. Existiam para a manutenção da ordem, mas especialmente para incrementar a piedade e a caridade.

Cada escola lassaliana dispunha de um inspetor, cuja função consistia em verificar a observância de prescrições como de haver um crucifixo, um quadro de Maria Santíssima, um de São José e um de Jesus Cristo. Controlava igualmente como eram aplicadas as punições, como era o proceder dos alunos durante as orações, a explicação do catecismo, a assistência às missas diárias, especialmente as dominicais, e a recepção dos sacramentos, especialmente da penitência.

Era permitida a entrada e a presença de algum professor que quisesse aprender o modo de dar aula, contanto que fosse autorizado.

La Salle considerou indispensáveis sanções e punições. A punição máxima era a expulsão dos indisciplinados que pudessem corromper e levar à perdição a outros; aqueles cujos pais não apoiavam as práticas religiosas da escola e aqueles que malgrado terem sido corrigidos muitas vezes, não se corrigiam e não mudavam de conduta. A decisão da expulsão pertencia ao diretor da escola. No Guia das Escolas, o tema das punições é tratado ampla e minuciosamente, mas não é tema de teologia de La Salle, e os Capítulos Gerais de 1777 e de 1860 proibiram algumas delas e as suprimiram totalmente.

As normas de punição da época da cristandade do século XVIII francês, devem ser adaptadas ou deixadas de todo na época atual da nova evangelização em face do pluralismo no que se refere à religião. É preciso discernir em comunidade com os superiores religiosos e os bispos, como salvar a identidade evangelizadora da escola cristã e não sucumbir ante a invasão dos poderes de laicização que buscam excluir Deus da educação.

À guisa de proposta para discussão se podem assinalar como traços perenes da escola lassalista: o respeito aos momentos e lugares sagrados, exigível até mesmo a não crentes, por respeito à diversidade; o requisito de aceitar as atividades de educação religiosa para a admissão e permanência na escola cristã; o valor educativo das imagens e símbolos religiosos; as práticas sempre optativas de amor ao próximo; a atribuição de cargos religiosos simples aos alunos; o empenho próprio de quem preside orações ou outros atos religiosos e educativos; o uso intenso do tempo mediante atividades sempre construtivas da pessoa; a oração prévia ou posterior às ações para orientá-las a Deus; a atenção à santa presença de Deus para atrair sua bênção ou agradecer-lhe pelo que se conseguiu realizar.

Podem-se também incluir: O uso de posturas e gestos corporais expressivos ao orar; o emprego de variados modos de oração: pessoal, coral, alternado, cantado, com fórmulas oficiais ou particulares, adaptados segundo os tempos litúrgicos ou segundo a quem se intercede; a proposta de orar pela própria iniciativa dentro e fora da escola; a imploração da graça de estudar

e da graça de aprender e não somente obter uma boa avaliação; o caráter diferente da adoração a Deus, particularmente no Santíssimo Sacramento, respeito da veneração dos santos e da muito peculiar hiperdulia à Santíssima Virgem Maria; a repressão normalizada do mal, com acompanhamento de reabilitação, que pode chegar à exclusão do contumaz por motivo do bem comum; o fomento da frequência sacramental pondo os meios ao alcance dos alunos; a abertura da escola a professores que queiram aprender a dar aula e a externos que assistem a certas catequeses.

Há dezenas de outros modos, que o autor cita, mas que não necessitam de tradução, e não são muito do estilo dos manuais de Teologia. Aliás, La Salle, com certeza não quis que suas obras fossem manuais de Teologia, e sim, manuais de práticas de Ensino Religioso em sua época, e para seus Irmãos, mantendo escolas para a população pobre e pouco instruída. Esta obra é um somatório de citações, das quais o autor deduz uma TEOLOGIA de EDUCAÇÃO de La Salle.

12. IDEIA DE LA SALLE SOBRE O ENSINO RELIGIOSO ESCOLAR

De sua escola, nenhum aluno deve sair sem suficiente conhecimento religioso nem não se ver inspirado à piedade. Pede aos professores que não dogmatizem sobre questões difíceis da religião, e ensinem a sadia doutrina comum da Igreja. Ensinar não somente os mistérios e as verdades especulativas da religião, sem, a par disso, ensinar as máximas práticas do Evangelho proporcionando meios fáceis e adequados à idade dos alunos para conseguir isto. Inculcar o menosprezo das riquezas, porque Nosso Senhor nasceu pobre e amou os pobres. Pôr em condições para receber os sacramentos. Formar discípulos de Jesus “que amiúde pensem em Jesus, seu bom e único mestre. Que falem muitas vezes de Jesus; que só aspirem e respirem por Jesus”. Encaminha “a *essa liberdade dos filhos de Deus que nos adquiriu Jesus Cristo*”.

Seu ensino religioso é uma catequese escolar para quem tem fé, prática que se mantém até hoje nas escolas onde todos os alunos são católicos. A diferença da catequese familiar e paroquial: seu ensino religioso é parte de uma educação total da pessoa para integrar-se não só à Igreja, mas também à sociedade civil e ao Estado através das boas maneiras, o desempenho responsável em diferentes cargos de serviço à coletividade, leitura, escrita, aritmética e outras ciências, e à aprendizagem de ofícios que o santo Fundador introduziu em Paris para os meninos irlandeses exilados, em Saint Yon de Ruão e em outros locais.

A Congregação para o Clero, no *Diretório para a Catequese* de 1997 propôs um conceito novo de ensino religioso católico, apto para chegar aos alunos que não são católicos ou não têm certeza de sê-lo; “Os alunos que se encontrem em uma situação de busca, ou afetados por dúvidas religiosas, poderão descobrir, graças ao ensino religioso escolar o que é exatamente a fé em Jesus Cristo, quais são as respostas da Igreja às suas interrogações, proporcionando-lhes a oportunidade de refletir melhor sobre a decisão a tomar. Finalmente, quando os alunos não têm fé, o ensino religioso assume as características de um anúncio missionário do Evangelho, a respeito de uma decisão de fé, que a catequese, por sua vez, em um contexto comunitário, ajudará depois a crescer e amadurecer”. Essa catequese comunitária, distinta do ensino religioso, só informativa, pode existir fora da sala de aula na escola católica, ou fora da escola.

Em outras situações, segundo o decreto conciliar *Ad Gentes*, o ensino religioso católico pode reduzir-se a uma preparação do Evangelho: “Quando os alunos e suas famílias

comparecem à escola católica por motivo da qualidade educativa da escola, ou por outras circunstâncias, a atividade catequética torna-se necessariamente limitada e o próprio ensino religioso – quando é possível realizá-lo – vê-se obrigado a acentuar seu caráter cultural. A contribuição deste tipo de escola sempre subsiste: como um “serviço de grande valor aos homens” (AG, 12b), e como um elemento interno à própria evangelização da Igreja” (DGC 260b). “Deve-se ressaltar que a evangelização contemporânea dos jovens, com frequência, deve adotar um caráter missionário mais que estritamente catecumenal. Na realidade, a situação amiúde exige que a ação apostólica com os jovens seja de índole humanizadora e missionária, como primeiro passo para que amadureçam umas disposições mais favoráveis à ação estritamente catequética. Portanto, muitas vezes na realidade, será oportuno intensificar a ação pré-catecumenal dentro de processos educativos globais” (DGC 185c).

“Em uma situação de presença de diferentes confissões cristãs, os bispos podem julgar oportunas, e até mesmo necessárias determinadas atividades de colaboração no campo do ensino religioso. Em qualquer caso deve garantir-se aos católicos, por outras vias e com o máximo cuidado, uma catequese especificamente católica (cf. CT, 33). Também o ensino da religião partilhado em escolas nas quais há membros de diversas confissões cristãs, reveste um valor ecumênico, quando se apresenta de modo autêntico a doutrina cristã. De fato, isto oferece oportunidades de diálogo, mercê do qual se podem superar desconhecimentos e preconceitos, e abrir-se a um melhor entendimento mútuo” (DGC, 198).

Por outra parte, desde 2007, o Parlamento Europeu pôs em discussão para a escola pública uma Educação sobre as Religiões, não confessional, cujos professores respondam somente ante a autoridade civil. O noticiário trimestral “ERE News, European Religious Education Newsletter” dirigido, realizado e distribuído gratuitamente desde 2002 desde Roma pelo Irmão Flavio Pajer, FSC (fpajer@lasalle.org) informa que na escola pública europeia são tão atuais os programas confessionais como os não-confessionais de ensino religioso. O Canadá, em 2008, substituiu o ensino confessional por um programa de Ética e Cultura Religiosa. No Brasil existe uma proposta de educação religiosa não confessional, apoiada por alguns setores católicos, além dos movimentos laicizantes; mas, a Constituição brasileira de 1988, declarou optativo o ensino religioso, o que admite hipoteticamente que diversas confissões podem ministrá-lo, e em 2005, o *Diretório Nacional de Catequese* da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, conforme o DG sustenta o caráter confessional do ensino religioso católico, e tolera a opção não-confessional em casos aprovados pelo respectivo bispo sem renunciar à missa evangelizadora.¹⁶

13. EVANGELIZAÇÃO DA CULTURA ACADÊMICA SEGUNDO LA SALLE

Entre os conteúdos da educação elementar, La Salle inclui as boas maneiras, e para isso escreveu “*Regras do Decoro e da Urbanidade Cristãos*” (RU). Com 165 edições publicadas entre 1703 e 1875, educou os bons modos dos franceses, difundidas pela diplomacia, que no século XVIII tiveram grande influência na França. No prefácio explica sua conceituação cristã das normas de bom trato e convivência, não reduzidos a mera etiqueta, cerimonial ou protocolo formal e exterior. “É surpreendente que a maioria dos cristãos considere o decoro e a urbanidade apenas como qualidades puramente humanas e mundanas e, ao não pensarem em elevar mais

¹⁶ GARCÍA AHUMADA, FSC., E., *Educación religiosa escolar no confesional. El caso de Brasil*. “Revista de Ciências Religiosas” XIX-1 – Santiago de Chile, 2011, 93-11. Versão portuguesa em Revista de Catequese – São Paulo, 2012.

alto se espírito, não as considerem como virtudes relacionadas com Deus, com o próximo e consigo mesmos. Isso manifesta claramente o pouco sentido cristão que há no mundo e quão poucas pessoas há que nele vivem e se guiam pelo espírito de Jesus Cristo.

A urbanidade cristã é, pois, um comportamento polido e ordenado, manifestado em palavras e atos exteriores marcados por atitude de modéstia, ou de respeito, ou de união e caridade para com o próximo, com atenção ao tempo, aos lugares e às pessoas com quem se convive. E essa cortesia que se refere ao próximo é o que se chama propriamente urbanidade. (RU 0.9).

No Guia das Escolas Cristãs, este livro é simplesmente denominado *Urbanidade*. “Quando os alunos souberem ler perfeitamente, tanto em francês quanto em latim, se lhes ensinará a escrever; e desde que começarem a escrever, se lhes ensinará a ler no livro da Urbanidade”. Este livro contém todos os deveres tanto para com Deus como para os pais, e as regras da urbanidade civil e cristã. Está impresso em caracteres góticos, de leitura mais difícil que os caracteres franceses. Neste livro não se soletrará e não se lerá por sílabas, mas todos aqueles aos quais ele será dado lerão, desde o início e sempre, de forma seguida e por pausas. No livro da Urbanidade se lerá somente pela manhã. Cada vez será dada, como lição, um capítulo, ou um artigo, ou uma seção. Os principiantes lerão nele aproximadamente dez linhas, e os adiantados aproximadamente quinze (GE 3.9,1 – 3,94). Este livro era o mais alto grau do aprendizado da leitura.

La Salle impregnou de Evangelho a urbanidade, uma disciplina escolar. Não temos conhecimento dos programas escolares moldados para os adolescentes e jovens irlandeses exilados; também não, dos destinados aos diversos educandos de Saint Yon, nem daqueles para a preparação a ofícios vinculados ao comércio ou à navegação em outras cidades. Mas é evidente seu interesse em relacionar a fé e a cultura ao programar o critério evangélico para ponderar toda classe de informações, contrastando-as com o Espírito de Verdade (Jo 16,130) “Empregais vós esta luz para discernir todas as coisas visíveis, e distinguir nelas o verdadeiro e o falso, o aparente e o real? Se vos comportais como verdadeiros discípulos de Jesus Cristo e como iluminados pelo Espírito de Deus, esta deverá ser a única luz que vos guie.” (Med. 44, 1)

Além disso, explica, o Espírito Santo faz compreender e gostar das máximas do Evangelho para viver e atuar segundo elas, mesmo que muitas ultrapassem o alcance da mente humana. Com efeito, podemos nós entender que “*os pobres são os felizes*” que *devemos amar aqueles que nos odeiam, que devemos alegrar-nos quando nos caluniam e disserem todo tipo de mal contra nós, que devemos retribuir o mal com o bem*”, e muitas outras verdades de todo opostas ao que a natureza nos sugere, a menos que o mesmo Espírito no-las ensine?”. O Evangelho é uma sabedoria capaz de melhorar a vida, superior a todos os saberes naturais transmitidos nas escolas.

Em plena época moderna, representada emblematicamente por seu contemporâneo Isaac Newton (1642-1727), partindo da fé cristã, La Salle afirma que nem as ciências naturais nem a matemática são o saber supremo. Também explica que os mundanos, cegados pelo pecado professam máximas opostas ao Evangelho, por sua vez fontes dos pecados, que os alunos devem saber reconhecer e distinguir. Reconhece que o mundo criado é bom, ao explicar que cumprimos o mandamento de *amar a Deus com toda a nossa mente*, se nos ocuparmos sempre dEle, e se atribuirmos a Ele todos os nossos pensamentos relativos às criaturas, de tal modo que

não pensemos em nada do que a elas se refere que não nos leve a amá-lo e manter-nos em seu santo amor. Sem esse nome, La Salle propõe uma evangelização de toda a cultura.

Hoje, ao se multiplicarem os setores de aprendizagem, os educadores cristãos devem buscar em cada setor sua relação com a plena humanização, segundo projeto do Criador e com o Evangelho do Redentor. Para evangelizar a cultura acadêmica se oferecem vários caminhos. A fundadora belga da associação de fieis *Pedra Branca*, Isabelle Vrancken, propõe destacar em todos os setores de aprendizagem a grandeza do ser humano derivada de sua criatividade sua ambivalência e miséria procedente do pecado e sua ânsia de superação e transcendência, impelida pelo mistério da Páscoa de Cristo.¹⁷ A educadora lassalista argentina Ana Maria Amarante propõe relacionar cada disciplina com o sentido da vida.¹⁸ Outra opção é diferenciar a função de cada setor ou disciplina de estudo a respeito da evangelização: a filosofia como preparação ao Evangelho; o ensino da História como pesquisa do desenvolvimento qualitativo ou decadência da humanidade e dos povos, de sua relação com a história da salvação e da Igreja, com qualificação do caráter testemunhal ou mítico, poético, tendencioso, propagandístico ou outro de seus documentos de referência, com discernimento da presença da raça ou do pecado nos responsáveis e cooperadores diretos, indiretos ou acidentais dos fatos.

A educação científica, como capacitação para pesquisar a verdade em determinado campo, abrindo-se a questões filosóficas, éticas e religiosas suscitadas pela ciência para além de si mesma. A educação física como cultura do corpo como templo de Deus e sacrário chamado à ressurreição, para alcançar serenidade em atividades mentais e sociais, a recreação, a competição leal, a harmonização da atitude anímica e da saúde em benefício próprio e dos outros, e orientação da sexualidade para a fidelidade no amor em uma família ou na consagração a Deus. A educação técnica como capacitação bio-psíquica ao trabalho eficiente ao serviço de Deus e da sociedade em relacionamentos justos, promotoras da pessoa na comunidade com uso criativo e solidário das coisas e dos seres vivos, deixando tempo para sabedoria, o belo e o culto de Deus. A educação nas artes da palavra, do espaço, do movimento quer seja dos sons, do corpo ou das imagens, como capacitação para a comunicação mediante símbolos abertos ao mistério do belo, do bom, do santo e de seu valor ou sentido na vida humana. A atividade curricular de orientação vocacional como apoio à busca da vontade de Deus para o ótimo uso dos talentos pessoais ao serviço das necessidades materiais e espirituais do entorno, questionando a mera sujeição às leis do mercado ou às políticas públicas.¹⁹

Todo professor cristão, mesmo que não ensine religião, pode contribuir na evangelização da cultura. Para isto, exige-se ardor apostólico e elevada competência em sua especialidade com suas vinculações filosóficas, éticas e religiosas, que nem sempre as universidades fornecem em seus programas de formação.

14. A VALORIZAÇÃO DO EDUCADOR CRISTÃO, SEGUNDO LA SALLE

Como já foi explicado, São João Batista de La Salle considera todo educador cristão como Ministro de Deus, embaixador e ministro de Jesus Cristo, partícipe no ministério dos apóstolos e dos principais bispos e pastores da Igreja, e no ministério dos Anjos da Guarda, mediador de quem Deus se serve para encaminhar à salvação.

¹⁷ VRANCKEN, Isabelle. *Las asignaturas y la visión cristiana del mundo*. Santiago de Chile, Paulinas, 1982.

¹⁸ AMARANTE, Ana Maria. *La evangelización por las asignaturas*. Buenos Aires, Stella, 1991.

¹⁹ GARCÍA AHUMADA, E. FSC. – *Teología de la educación*. Santiago de Chile. Tiberíades, 2003, 385-413.

No exercício do seu ministério é chamado a cultivar numerosas virtudes:

- ✓ Fé capaz de mover os corações e inspirar o espírito cristão;
- ✓ Assiduidade à Sagrada Escritura para comunicar a ciência dos santos;
- ✓ Sabedoria para orientar todas as atividades rumo à salvação eterna;
- ✓ Ardor apostólico de buscar a salvação dos alunos com o mesmo empenho que a sua própria;
- ✓ Austeridade ou seriedade e pureza de costumes sem familiaridade pouco conveniente;
- ✓ Humildade de atribuir a Deus os dons e evitar o orgulho ou soberba;
- ✓ Silêncio, calar quando não deve falar, e falar quando não deve calar;
- ✓ Prudência de buscar os melhores meios para obter bons resultados e bons objetivos;
- ✓ Independência corajosa para não querer agradar mais aos homens do que a Deus;
- ✓ Moderação para dominar as paixões e evitar excessos;
- ✓ Paciência para suportar zombarias, injúrias ou ingratidão;
- ✓ Mansidão ou brandura para não recorrer a violências físicas nem verbais;
- ✓ Vigilância para prevenir ações más e promover ações boas e honestas;
- ✓ Generosidade para retribuir algo de todos os bens que Deus lhe deu;
- ✓ Piedade não comum manifestada em entregar-se ao Espírito Santo para deixar-se mover por Ele
- ✓ Manter-se unido a Jesus Cristo para produzir frutos espirituais;
- ✓ Amor ao recolhimento, mas deixá-lo quando Deus pede trabalho apostólico;
- ✓ Firmeza de pais para afastar do mal, e ternura de mãe para encaminhar ao bem;
- ✓ Em síntese, santificação no dever de estado: Nunca obraceis melhor vossa salvação, nem progredireis tanto na perfeição do que cumprindo bem os deveres de vosso estado, contanto que o façais com o fim de obedecer a Deus.

Ao professor cristão competem tarefas, como sejam:

- ✓ Ser modelo de proceder e sério no ensino;
- ✓ Empregar a leitura e a oração para dar a conhecer Deus e fazê-lo amar;
- ✓ Praticar o que prega ou ensina para inspirar o espírito cristão;
- ✓ Conhecer cada aluno indistintamente como bom pastor;
- ✓ Saber falar para atrair a Deus a cada um, como convém;
- ✓ Inspirar amor à virtude e repulsão ao pecado porque este afasta de Deus;
- ✓ Animar os jovens ante as dificuldades no caminho da virtude;
- ✓ Mover os corações só por obra do Espírito Santo, a quem pede esta graça;
- ✓ Atender especialmente aqueles que estão mais em perigo em sua salvação;
- ✓ Afastar seus alunos de tudo quanto possa corromper seus costumes;
- ✓ Afastar os alunos muito especialmente das más companhias e das más inclinações;
- ✓ Promover as boas companhias;
- ✓ Conversar amiúde com Deus para *formar Cristo em seus corações*;
- ✓ Interceder pelos alunos porque *somente Deus dá a sabedoria*;
- ✓ Falar *“como quem transmite palavras de Deus”*;
- ✓ Ensinar como *ministro de Deus e despenseiro de seus mistérios*;
- ✓ Comunicar à sua comunidade local a ciência da salvação, o que *como todo dom perfeito vem de cima e depende do Pai das luzes*;
- ✓ Formar comunidades;
- ✓ Cumprir seu ministério como quem deverá prestar contas a Deus, especialmente se ensinou *“segundo a idade e a capacidade deles”*;
- ✓ Se descuidou de alguns por serem mais retardados ou mais pobres, ou menos agraciados e atraentes;
- ✓ Renovar-se no espírito de seu estado e profissão;

- ✓ Evita as repreensões o mais possível, atuando com “habilidade e engenhosidade, para manter os alunos em ordem”;
- ✓ Faz com que os alunos reflitam em vez de repreendê-los com severidade; Escuta e atende razoavelmente as explicações e pedidos de desculpa, porque os meninos são dotados de razão;
- ✓ Compadece-se das debilidades dos alunos, consciente das suas próprias;
- ✓ Não exagera os defeitos dos alunos ao referir-se a eles;
- ✓ Cumpre as ameaças de castigo para determinadas faltas, com moderação, sem impor penitência insuperáveis;
- ✓ Não castiga durante as aulas de catecismo ou as orações “a menos que correção absolutamente não possa ser deferida para outro momento ou tempo”;
- ✓ Não faz concessões ou exigências por simpatias ou antipatias pessoais;
- ✓ Adia o castigo enquanto se sente alterado ou irascível, ou o menino não está sossegado e disposto;
- ✓ Espera que o aluno aceite o castigo reconhecendo sua falta, sua gravidade, o dano que se causa a si mesmo e que pode ocasionar com seu mau exemplo; e seu dever de fazer uma reparação, no possível àquilo que diz respeito a Deus;
- ✓ Ao corrigir, o professor, vigia a si mesmo antes e durante a correção, com autodomínio e sossego, nunca com precipitação nem com ânimo agitado;
- ✓ Começa por se deixar iluminar pelo Espírito Santo, para dominar com paciência as paixões, motivar-se no amor a Deus e sua santa vontade, sem ânimo de vingança pessoal, por caridade para com o aluno, em uma forma agradável a Deus, conhecida por Ele, e proveitosa para o aluno, o que é o objetivo da correção, com justiça quanto ao motivo, e na proporção tanto com a falta como com a maldade, ou simples fraqueza com que foi cometida;
- ✓ Com firmeza para conseguir o fim e suavidade no modo de chegar a ele sempre por caridade;
- ✓ Com prudência para evitar qualquer má consequência;
- ✓ Sem violência verbal, sem tocar nem agarrar com as mãos, com o punho, com o pé ou com uma vara, nem repeli-lo, empurrá-lo, pegar no rosto, na cabeça ou nos ombros, sem puxar as orelhas, o nariz ou os cabelos, nem atirar-lhe algum objeto, por ser indecoroso e oposto à caridade, à mansidão cristã;
- ✓ Sem cólera ou paixão, mas mostrando severidade ou seriedade de pai, e compaixão cheia de ternura ao ter de corrigir para salvar o bem comum.

Deus o recompensará já neste mundo com graças abundantes, um ministério mais amplo e facilidade para conseguir conversões; ver que os alunos vivem segundo a justiça e com piedade, afastados das más companhias e praticando boas obras, o que o enche de gratidão a Deus. Na vida eterna *“aqueles que ensinam a justiça brilharão eternamente como estrelas”*. Deus o recompensará com a felicidade da sua presença manifesta, e os alunos salvos e agradecidos serão a sua coroa.

CONCLUSÃO

A variedade de temas educativos-chaves que nosso fundador abordou em seu minucioso estudo do que, por uma parte dizem a Bíblia e a Tradição sobre a educação cristã, e por outra, sua experiência, que lhe permitiu enriquecer admiravelmente esses temas, o mostram como um grande teólogo inovador neste importante campo da evangelização, desenvolvido pelo magistério eclesial em anos recentes. Sua teologia da educação introduziu na Igreja uma nova área de conhecimento sistemático ao qual é indispensável apelar cada vez que interessa otimizar a missão educativa e a espiritualidade do educador, sem omitir aspectos importantes nesses empenhos apostólicos.